



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
FAEL- FACULDADE DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

QUÉLVIA SOUZA TAVARES BERTULINO

CRIAÇÕES LEXICAIS (NEOLOGISMOS) EM AMBIENTE ESCOLAR

MARABÁ-PA
2010

QUÉLVIA SOUZA TAVARES BERTULINO

CRIAÇÕES LEXICAIS (NEOLOGISMOS) EM AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade de Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Pará, Campus de Marabá, para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras- habilitação em Língua Portuguesa sob a orientação da professora Dr^a Eliane Pereira Machado Soares.

MARABÁ- PA
2010

Dados Internacionais de Catalogação - na – Publicação (CIP)
(Biblioteca Josineide Tavares, Marabá- PA)

Bertulino, Quélvia Souza Tavares.

Criações lexicais (neologismos) em ambiente escolar/ Quélvia Souza Tavares Bertulino; orientador, Eliane Pereira Machado Soares. – 2010.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Universidade Federal do Pará, Faculdade de Estudos da Linguagem- FAEL, 2010.

1. Neologismos . 2. Língua Materna. Ensino- aprendizagem. I. Título.

QUÉLVIA SOUZA TAVARES BERTULINO

CRIAÇÕES LEXICAIS (NEOLOGISMOS) EM AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade de Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Pará, Campus de Marabá, para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras- habilitação em Língua Portuguesa sob a orientação da professora Dr^a Eliane Pereira Machado Soares.

Defendido em: ____/____/____

Conceito: _____

Banca Examinadora

Dr^a Eliane Pereira Machado Soares
Universidade Federal do Pará

M.sc. Elielson Souza da Silva
Instituto Federal do Pará

M.sc. Lucivaldo Silva da Costa
Faculdade Metropolitana

Dedico este trabalho, com atenção e carinho especial, acima de tudo a Deus, aos meus pais, Aúrea Souza e Emival Tavares, a minha querida e única irmã Atielkia Tavares, ao meu esposo e companheiro de todas as horas Pedro Junior, as minhas amigas, aos meus colaboradores, a minha orientadora Prof^a Dr^a Eliane Pereira Machado Soares.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar presente em cada passo que dou. Aos meus pais, Aurea e Emival, em especial, a minha mãe por estar sempre ao meu lado me orientando e me ajudando. A minha irmã, Atielkia, por ser minha luz inspiradora. Ao meu esposo, Pedro Junior, por ter surgido na minha vida no momento em que mais precisava e por torná-la melhor, me proporcionando a capacidade de sempre acreditar em mim. Aos meus sogros, por terem me acolhido como filha. As minhas melhores e inesquecíveis amigas, Karoline, Marília Fernanda, Francisca das Chagas e Aliane Correa, pelas madrugadas em claro e todos os trabalhos que fizemos juntas. A Prof^a Eliane, pela paciência e orientação. Ao Prof^o Lucivaldo, por fazer com que me encontrasse no curso e pelo contato com a morfologia. E a todos os professores que passaram pela turma contribuindo com o crescimento não só profissional, mas pessoal.

A PALAVRA

Já não quero dicionários
consultados em vão.

Quero só a palavra
que nunca estará neles
nem se pode inventar.

Que resumiria o mundo
e o substituiria.

Mais sol do que o sol,
dentro da qual vivêssemos
todos em comunhão,
mudos,
saboreando-a.

[Carlos Drummond de Andrade](#)

Resumo

Esta é uma pesquisa vinculada ao projeto **Interferências do oral no texto escrito em ambiente escolar** coordenado pela Prof^a. Dr^a. Eliane Machado. Neste subprojeto, discute-se a criação lexical em textos escritos de alunos de uma escola pública da cidade de Marabá-Pará. Através de registros de aulas (anotações e gravações) buscamos verificar o que propicia o surgimento deste fenômeno lingüístico por parte dos alunos e qual é a intervenção didática do professor perante estas ocorrências. De acordo com Alves (2007; 5) “...O acervo lexical de todas as línguas vivas se renova...” e é por acreditar em tal renovação que partimos da hipótese que este fenômeno surge da necessidade de um termo adequado para cada ocasião e da reflexão feita pelo falante sobre a gramática da língua que Halliday (in FLÔRES 2004;p.113) caracteriza como “...o léxico de uma língua em contraste com sua gramática...” Assim, neste trabalho apresentaremos algumas ocorrências de neologismos em textos escritos dos alunos da escola pesquisada. Vale ressaltar que neste consideramos como neologismos toda e qualquer inovação lexical de nosso sistema lingüístico mesmo que esta inovação parta do empréstimo léxico de outro sistema.

Palavras-chave: Léxico; Ensino Aprendizagem; Língua Materna; Neologismos.

Sumário

INTRODUÇÃO	12
1.O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA.....	14
1.1 O PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM	15
1.2 A ORALIDADE E A ESCRITA NO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM	16
1.3 A IMPORTÂNCIA DE UMA EDUCAÇÃO SIGNIFICATIVA	20
2. ESTRUTURAS MORFOLÓGICAS DO PORTUGUÊS DE BRASIL	23
2.1 A COMBINAÇÃO DAS PALAVRAS	24
2.2 A ESTRUTURA DA PALAVRA	25
2.3 ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DAS PALAVRAS	26
2.3.1 OS AFIXOS.....	26
2.3.1.1 Prefixos.....	27
2.3.1.2 Os Sufixos.....	27
2.3.1.3 A parassíntese.....	27
2.4 OS AFIXOS E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS....	28
2.4.1 A DERIVAÇÃO.....	29
2.4.1.1 Derivação Prefixal.....	29
2.4.1.2 Derivação Sufixal.....	29
2.4.1.3 Derivação Parassintética.....	30
2.5. A DERIVAÇÃO E O SURGIMENTO DE NOVAS PALAVRAS.....	30
2.6 POR QUE INVENTAR NOVAS PALAVRAS?.....	30

2.7 O FENÔMENO DA <i>NEOLOGIA</i>	30
2.8 OS NEOLOGISMOS NO PORTUGUÊS.....	32
2.8.1 Neologismos Formados por Processo de Derivação.....	32
2.8.1.1 Neologismos Formados por meio de Derivação Prefixal.....	32
2.8.1.2 Neologismos Formados Por Meio de Derivação Sufixal.....	33
2.8.1.3 Neologismos Formados Por Meio de Derivação Parassintética.....	34
2.9 NEOLOGISMOS FORMADOS POR HERANÇA DE OUTROS SISTEMAS LINGÜÍSTICOS.....	35
2.10 OUTROS PROCESSOS NEOLOGICOS NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO.....	36
2.10.1 Neologismos Fonológicos.....	36
2.10.2 Neologismos Formados por Composição.....	36
2.10.3 Conversão.....	37
2.10.4 Neologismos Semânticos.....	37
2.10.5 Outros Processos Menos Produtivos.....	37
2.10.5.1 Truncação.....	38
2.10.5.2 Palavra- valise.....	38
2.10.5.3 Reduplicação.....	38
2.10.5.4 Derivação Regressiva.....	38
2.11 A RENOVAÇÃO LEXICAL É NECESSÁRIA?.....	39
3. NEOLOGISMOS EM TEXTOS ESCRITOS.....	41
3.1 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA FEITA.....	41
3.2 A ESCOLA OBSERVADA.....	42

3.3 AS OCORRÊNCIAS.....	43
3.3.1 Neologismos Prefixais.....	44
3.3.2 Neologismos Sufixais.....	46
3.3.3 Neologismos por Empréstimo.....	53
3.4 DISCUSSÃO GERAL DAS OCORRÊNCIAS DE NEOLOGISMOS...56	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	61
ANEXOS	63

INTRODUÇÃO

Neste trabalho discutiremos as criações lexicais em ambiente escolar, buscando compreender como este processo acontece e tentando demonstrar que tais criações vocabulares refletem um conhecimento estrutural da língua portuguesa, embora não existam no dicionário da língua.

A pesquisa que resultou neste trabalho iniciou-se em Abril ano de 2008 e encerrou em Dezembro de 2009. Ao longo deste período observamos duas turmas de 2^aA/2^aC, porém uma em cada ano. Nosso objetivo era verificar as atividades de escrita, bem como tudo o que se passava em uma aula em que predominava o ensino da língua materna. Durante o desenvolvimento da pesquisa participávamos das aulas (independente do conteúdo ou da matéria) duas vezes por semana, com o propósito de presenciarmos uma atividade de produção, observando sua intenção e objetivo, e também a interação professor/aluno em sala de aula.

Deste modo, a composição dos dados se deu principalmente em turmas de 2^aA/ 2^a C (segundo ano do segundo ciclo que equivale à antiga 4^a série do ensino fundamental), e em turmas de 1^a A/ 3^a Ciclo (primeiro ano do terceiro ciclo, antiga quinta série), na escola Jhonatas Pontes Athias, situada na folha 17, complexo Nova Marabá. A coleta de dados ocorreu no ano de 2009 durante a realização de uma oficina solicitada pela escola e elaborada por bolsista e seus respectivos orientadores. Nesta oficina trabalhei com a minha turma de 2^a A/ 2^a C do ano corrente, enquanto outra bolsista (do mesmo projeto) ficou com a turma 1^aA/3^aC, a mesma turma em que iniciei a pesquisa. Assim, por possuímos afinidades, pude ter acesso aos textos recolhidos pela bolsista citada e com isso observar as produções de textos dos alunos que observei após ter passado meio ano de pesquisa.

Vale ressaltar, porém, que conseguimos, apenas, oito produções com os professores da turma em todo o período de observação desta pesquisa, sendo que estas produções pertencem à primeira turma observada. Nestas produções não foram encontrados nenhum tipo de neologismos. Assim, todas as produções que compõem este trabalho foram recolhidas durante a realização das oficinas na referida escola, porque somente nesta conseguimos um número considerável para fazermos o nosso trabalho de investigação.

Este trabalho se constitui, então, de produções escritas e discussões teóricas acerca deste fenômeno lingüístico, se dividindo em três capítulos, sendo que o terceiro corresponde à análise e discussão dos dados coletados.

O primeiro capítulo, intitulado **O ensino da língua Materna**, traz uma breve discussão de aspectos relacionados ao ensino de língua materna, tomando por base as concepções de ensino de Geraldi (1996), e as discussões de Freire (1987) e Rodrigues (1992), bem como as discussões acerca das semelhanças e diferenças entre língua falada e língua escrita feita por Kato (1993) e Smith (1991), e por fim as discussões acerca da padronização da linguagem feita por Ilari (2004) e Bagno (2005).

No segundo capítulo, **Estruturas morfológicas do português do Brasil**, discutiremos sobre o que é morfologia e do que ela se ocupa, trabalhando a estrutura das palavras e seus processos de constituição, mais especificamente a derivação, como formadora de neologismos, tendo como principais teóricos Rosa (2000), Basílio (1987), Flôres (2004), Ilari (2004) e Alves (2007).

O terceiro e último capítulo, **Neologismos em textos escritos**, analisa os dados coletados, sendo estes dados um total de sete produções escritas feitas por alunos de uma escola pública de Marabá-Pa. Pretendemos mostrar os tipos de neologismos mais encontrados e que tal fenômeno lingüístico é produtivo em nossa língua materna.

Entendemos que ao produzir um texto o aluno faz uma reflexão sobre sua língua e a linguagem que fala reflexão essa que muitas vezes permitem não só o “acerto”, mas que também propicia o chamado “erro”. No entanto queremos demonstrar que tais ocorrências vocabulares nada mais são do que uma reflexão estrutural da língua portuguesa e não erros como outrora foram classificados.

1. O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Neste capítulo discutiremos alguns aspectos relacionados ao ensino de língua materna e como este vem sendo ministrado em muitas escolas, às semelhanças e divergências da oralidade e da escrita e a padronização da linguagem.

O ensino de língua Materna há muito tempo, tem sido ministrado de forma inadequada, pois as concepções de ensino de muitas escolas¹ e de muitos professores não se adequam as reais necessidades dos alunos.

Segundo Geraldi (1996) ao ensinar algo se faz necessário que se tenha a devida clareza de como se ensina, por que se ensina, para que se ensina e para quem se ensina, no entanto, ao observarmos algumas práticas docentes vimos que estas concepções nem sempre estão claras para professores e alunos.

O que se observa na verdade é que todos os envolvidos com este processo educacional — seja ele professor, aluno, escola, pais e a comunidade de um modo geral— estão confundindo o que realmente diz respeito as suas responsabilidades diante do processo de ensino escolar. Deste modo, é atribuído à escola e aos professores papéis sociais que não lhes competem desenvolver, sobrecarregando, assim, o trabalho de cada um, como podemos observar nas palavras de Rodrigues (1992; p.55):

À educação escolar têm sido atribuídas funções complementares na sociedade, que lhe retiram a sua essencialidade e a transformam em instrumento de múltiplas funções, impedindo-a de cumprir sua tarefa central.

É, pois, por assumir estas funções complementares na sociedade que a escola e os professores acabam por descumprir com a sua tarefa central que é a de promover um ensino escolar significativo para seus alunos.

A sociedade está cada vez mais desestruturada e isso vem acarretando problema para uma única instancia resolver, a escola. A realidade de muitas escolas nos mostra alunos com problemas psicológicos, familiares e até sociais que vão para este ambiente

¹ O termo escola aqui na se refere unicamente a instância mas ao corpo que compõem esta instancia.

de ensino para tentar sanar tais problemas. Dessa maneira, a escola não funciona apenas com espaço de educação, mas como o espaço da libertação de todos os problemas que estes alunos enfrentam.

Não queremos dizer aqui que trabalhar com o psicológico de nossos alunos bem como com questões sociais, não seja ensinar. O que queremos é enfatizar que a escola tem sido sobrecarregada com tantas funções e que esta sobrecarga tira as responsabilidades das instâncias que existem para trabalhar estes problemas.

Com relação ao papel do professor e da escola, a sociedade tem cobrado um ensino de língua materna que não valoriza a linguagem que o aluno traz de casa e os professores por sua vez têm interpretado de forma errônea esta cobrança. Vemos, pois, nas aulas de língua portuguesa professores tratando seus alunos como recipientes vazios que não sabem de nada (FREIRE 1987) sem aproveitar a linguagem que o aluno já possui para através deste conhecimento demonstrar os mais diversos modos de falar, ou vemos ainda, professores que priorizam um único modo de se falar, trabalhando apenas com o nível formal ou com o nível coloquial, e temos ainda aqueles que optam por trabalhar apenas com a escrita e esquece a importância da oralidade que é a desenvolver no aluno o domínio da oratória para que com isso ele saiba adequar seu discurso as mais variadas necessidades.

1.1 . O PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM

A educação brasileira como vem sendo trabalhada, supõe a concepção de que as pessoas devem ir à escola para aprender não só os conteúdos educacionais, mas também a se comportar, aprender valores, regras, etc. Esse pensamento remete uma série de questões e principalmente, faz com que os alunos pensem que o seu conhecimento de valores, regras, e até dos conteúdos, não lhes servem, de modo que, o aluno se torna obrigado a “despir-se” de toda a sua história, da sua vida em comunidade para aprender unicamente o que a escola acredita ser necessário para o aluno.

Vale ressaltar que não desconsideramos a importância e o valor da escola, o que queremos dizer é que muitas escolas ignoram que o aluno já sabe falar e que já possui o domínio de uma variedade lingüística. Desta forma, ao ingressar em uma escola o educando possui uma carga de informação muito extensa que não deve ser

desperdiçada, porém alguns professores não aproveitam estes conhecimentos para a partir dele aprender outra.

É, pois, por não validar esse conhecimento do aluno que ele passa toda a sua vida estudantil sendo tratado como um ser que nada sabe que só aprende o que é passado na/pela escola, como se no seu convívio social ele não usasse a mesma língua que ele aprende na escola para se comunicar. Assim, de acordo com Freire (1987, p.58):

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão.

Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante.

Como se pode observar nas palavras de Freire o aluno, na maior parte das vezes, é tido como um recipiente vazio e, portanto cabe ao professor enchê-lo. E o professor por sua vez como o ser detentor do conhecimento. Deste modo, a educação tem se tornado mais um mecanismo de alienação, pois não há reflexão quando não é dado o direito de falar ao aluno, ele só absorve e em nada contribui.

De acordo com Leite (apud GERALDI org1996, p.25):

Como se vê, é o conceito de trabalho (não alienado) que supera a concepção tradicional de literatura, de língua e de saber. Se conseguirmos que ele esteja no centro de nossas preocupações pedagógicas, entendido como prática de um sujeito agindo sobre o mundo para transformá-lo e, para, através da sua ação, afirmar a sua liberdade e fugir à alienação estará talvez conseguindo formar uma capacidade lingüística plural nos nossos alunos, pela qual poderão, inclusive, de quebra, dominar qualquer regra gramatical, qualquer rótulo fornecido pela retórica ou pela história literária.

Como vemos nestas palavras de Leite é a educação não alienante² que promoverá um ensino de qualidade para nossos alunos, que os transformaram em sujeitos pensantes prontos para transformar o mundo em que vivem, porém isto só será possível se nós enquanto educadores pensarmos a nossa prática e revermos nossos métodos de ensino, levando em consideração a concepção de educação para vida.

² Educação não alienante é entendida aqui como a que forma o aluno para saber agir socialmente e politicamente e através de suas ações serem capazes de mudar o mundo que o cerca.

1.2 A ORALIDADE E A ESCRITA NO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM

Como mencionado, no tópico anterior, ao ingressar na escola o aluno possui uma carga de informação lingüística extensa, porém estas informações, muitas vezes, ainda estão na modalidade da oralidade e o principal objetivo da escola nesta fase é transferi-las para a escrita, sem esquecer, no entanto a importância da oralidade.

Ao ingressar na escola a criança já possui conhecimentos sobre língua e linguagem, pois ela vem de uma comunidade de pessoas falantes, deste modo, cabe a escola aproveitar e aprimorar este conhecimento de seus alunos.

Cabe a escola, primeiramente, transformar o que o aluno sabe falar em escrita, pois segundo Kato (1993) ao contrário do que se é passado, pelo menos inicialmente é a escrita que tenta imitar a fala e não o contrário. Assim, nesta primeira fase (em que o aluno chega à escola) a fala é um pré- letramento e a escrita é a representação da forma mais natural da fala.

Com o passar do tempo, porém, a escrita torna-se quase independente da fala e a fala é o resultado do letramento. É, pois, neste momento que começam as comparações entre essas duas modalidades da comunicação (oralidade e escrita) que tentam estabelecer as diferenças e semelhanças entre ambas.

Assim, as linguagens escrita e falada podem ser consideradas como algo complexo, pois apesar de fazerem uso dos mesmos vocábulos e das mesmas formas gramaticais, ambas possuem diferentes formas de utilizarem os vocábulos e os recursos gramaticais, devido às especificidades de cada modalidade e dos objetivos pretendidos para o uso de cada uma delas. Como veremos nas palavras de Smith (1991, p.53):

não devem ser consideradas algo surpreendente ou anômalo o fato de existirem diferenças entre a linguagem falada e a escrita, elas são geralmente utilizadas para diferentes finalidades e dirigidas a distintas audiências.

Como se pode perceber através das palavras de Smith, as modalidades escrita e falada se diferenciam porque as suas finalidades e os seus direcionamentos, às vezes,

são diferentes, o que não significa que elas não dependem uma da outra, ou que uma é “melhor” do que a outra.

Como veremos Kato (1993; p. 20) comunga da mesma opinião de Smith ao falar sobre as diferenças formais da oralidade e da escrita:

as diferenças formais normalmente observadas entre fala e escrita nada mais são que diferenças acarretadas pelas condições de produção e de uso da linguagem.

Assim, as diferenças existem porque a utilização destas modalidades nem sempre são as mesmas, porém na fase inicial da aquisição da linguagem os alunos ainda não possuem a devida clareza sobre esta diferença e isso acarreta na confusão da utilização destas duas modalidades.

É, pois, por não conhecer essas noções de diferenças e semelhanças destas modalidades que os alunos, muitas vezes, acabam por confundir oralidade e escrita e essa confusão adentra nas suas produções escritas gerando uma espécie de interferência

Além destas noções de diferenças e semelhanças entre oralidade e escrita confundirem os alunos em suas produções vemos ainda outro fator que contribui para existência dos equívocos cometidos por eles ao se depararem com um exercício não mecanizado da linguagem, a confusão entre o uso da linguagem padrão e da linguagem não-padrão.

Como mencionado anteriormente, ao chegar à escola, o aluno já sabe falar e a priori o papel da escola é transformar o que esse aluno fala em escrita o mesmo ocorre com o uso da linguagem não-padrão.

Ao ingressar na escola o aluno traz consigo um modo particular de fala que adquiriu a partir de seu convívio social, o que pode ser entendido como uma variante lingüística. Tal variante, muitas vezes, pertence à forma não-padronizada da linguagem.

Acreditamos, assim, que o ensino de língua materna, nesta fase de transição, deve tomar essa variante, trazida pelo aluno, como suporte para o ensino da língua

padronizada, o ensino de língua materna deve saber utilizar-se da fala do aluno para apresentar-lhe outra opção de se dizer uma coisa.

Ao ensinar, o professor de língua portuguesa precisa deixar claro para seu aluno que o falar não é homogêneo e que por isso é necessário que ele aprenda diversos modos de falar uma mesma coisa.

O que vem acontecendo, porém, nas aulas de língua portuguesa é o contrário do que se faz necessário. As aulas têm se centrado unicamente na exposição da linguagem padrão (ou linguagem culta) e a linguagem não-padrão (ou linguagem coloquial) não vem sendo o suporte para o ensino da língua culta.

De acordo com Ilari (2004) a norma culta é um conjunto de usos e atitudes da classe social de prestígio que devem ser passadas pela escola por serem “aceitas” pela sociedade. Geralmente a classe social de prestígio é associada à classe escolarizada (com nível superior ou médio) tal designação faz entender que outras classes não estão vinculadas a nenhuma cultura.

Bagno (2005) apresenta- nos três conceitos que distingue língua e sociedade:

1. A primeira é a “norma culta” dos prescritivistas, ligada a tradição gramatical normativa, que tenta preservar um modelo de língua ideal (...)
2. A segunda é a norma culta dos pesquisadores a língua que realmente é empregada no dia-a-dia pelos falantes que tem escolaridade superior completa (...)
3. A terceira é a norma popular expressão usada tanto pelos tradicionalistas quanto pelos pesquisadores para designar um conjunto de variedades lingüísticas que apresentam determinadas características fonéticas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais, etc., que nunca ou raramente apresentam na fala (e na escrita) dos falantes “cultos”.

A partir destes conceitos apresentados por Bagno, podemos concluir que o primeiro trata-se de uma designação do modelo de língua ideal “certa”, ou norma-padrão; o segundo é usado para designar as variedades lingüísticas faladas pelos cidadãos com alta escolarização, da zona urbana, sendo que o termo culto pode ser substituído por prestígio, porque estes possuem um falar belo e almejado por todos; por fim o terceiro diz respeito à designação dada ao falar popular, considerado como inculto ou até mesmo errado, tal designação é utilizada para as variedades lingüísticas que caracterizam os grupos sociais desprestigiados do Brasil.

O que surpreende na realidade lingüística do Brasil é que existe uma grande diferença entre a norma padrão e o português falado do Brasil, ou seja, entre a língua ideal “certa” e a língua falada pela maioria dos brasileiros (BAGNO, 2005), que na maioria dos casos é considerada como errada e cheia de inovações.

Por mais que os lingüistas tentem mostrar que a língua não padrão seja tão legítima quanto a padrão, ainda se trata as formas não padronizadas como erradas, cheias de vícios de linguagem, “problemas” lingüísticos, dentre outros.

Desconhece-se ou não se reconhece que várias são as interferências que a língua sofre de acordo com os fatores sociais, regionais, dentre outros, pois por fazer/ser um fator humano, a língua participa da variedade e da instabilidade do homem na sociedade. Por isso, os usos da língua numa mesma sociedade apresentam variação, conforme a origem e os níveis sociais dos falantes. Essa variação pode atingir diferentes níveis da língua: fonético, morfológico, sintático, léxico e o semântico, tanto na modalidade oral quanto escrita da língua.

É, pois, a partir da exposição de todos estes fatores que influenciam na produção, aquisição e utilização da linguagem, que se faz necessário pensar em uma prática voltada para o enfrentamento de todos esses problemas, prática esta que seja significativa para todos os envolvidos no processo de ensino/aprendizagem destes que serão o futuro da nação.

1.3 A IMPORTÂNCIA DE UMA EDUCAÇÃO SIGNIFICATIVA

Quando um aluno chega à escola trás consigo inúmeras informações obtidas no seu convívio social. A escola, por sua vez, desconsidera o conhecimento trazido pelo aluno, acreditando que tais conhecimentos não são válidos para sua vida educacional. Este desprestígio pode ser muito bem observado na sala de aula das séries iniciais, porque nestas aulas encontramos falas centradas apenas no professor, e vez ou outra o aluno se manifesta.

Observamos que as atividades nas aulas de linguagem se concentram em mero exercício da metalinguagem, nas quais os alunos não são levados a refletir sobre a língua que falam. A escola privilegia o ensino da língua padrão escrita, desconsiderando as formas que eventualmente contrariem ou fujam ao estabelecido como correto ou padrão. No entanto, apesar de desconsiderar as formas não padronizadas da língua isso

não impede que elas existam, pois fazem parte da reflexão que o falante faz de sua língua, ou seja, ao falar o aluno muitas vezes questiona a gramática de sua própria língua.

Como já mencionado “ao dar aulas de uma língua para falantes nativos dessa língua é sempre preciso perguntar: para que se dar aulas de português a falantes de português?” (TRAVAGLIA; 2006), pois de imediato parece inexplicável o porquê das aulas de linguagem nas escolas.

Quando nos defrontamos com uma aula de língua materna vemos que o problema é ainda pior do que se imagina, pois as aulas de língua portuguesa em muito se parecem com aulas de um novo idioma. Os professores parecem mostrar uma língua desconhecida para seus alunos.

O aluno, a priori, não parece achar que está vivenciando a experiência de aquisição de uma nova linguagem, porém ele não entende o porquê da sua fala não ser considerada pelo professor como uma manifestação comunicativa e interativa.

É em meio a esses equívocos que as aulas de linguagem vêm acontecendo em muitas escolas, o ensino de língua materna não se “justifica prioritariamente pelo objetivo de desenvolver a **competência comunicativa** dos usuários da língua” (TRAVAGLIA; 2006).

Durante o desenvolvimento da pesquisa que gerou este trabalho, vimos através de observações em sala de aula que ao contrário do que se espera só é passado ao aluno uma forma única de falar (o falar padronizado da linguagem), por esta ter mais prestígio que as outras, deste modo o aluno sai com falhas no seu aprendizado, não é trabalhado, também, a oralidade destes alunos, e as aulas de língua portuguesa centram-se apenas na decoração de regras gramaticais.

De acordo com Geraldi (1996; p. 89):

uma coisa é saber a língua, isto é, dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interações, entendendo e produzindo enunciados adequados aos diversos contextos, percebendo as dificuldades entre uma forma de expressão e outra. Outra coisa é saber analisar uma língua, dominando conceitos e metalinguagens a partir dos quais se fala sobre a língua, se apresentam suas características estruturais de uso.

Assim, o objetivo primeiro das aulas de língua portuguesa deveria ser o exercício real de utilização da linguagem, com situações reais de uso, mostrando ao aluno como se utilizar dos discursos adequando-os nos mais variados contextos.

Com isso o que se espera de professores e da escola é um estudo da linguagem significativo, que seu uso seja justificável, que a sua utilização seja adequada a cada situação, de forma a levar o aluno, a saber, fazer escolhas, de comparar, selecionar e avaliar as formas lingüísticas adequadas a cada contexto.

Para isso, porém é necessário que haja um trabalho que não se prenda em uma ou outra forma comunicativa, ou que desprestige uma ou outra forma, mas sim que haja um trabalho não alienante como propõe Leite (apud Geraldi 1996) e humanizado com propõe Freire (1987), para que os alunos sejam sujeitos de suas ações.

Contudo, neste trabalho, gostaríamos de propor um novo olhar diante da utilização da linguagem de nossos alunos, em especial nas produções destes. Um olhar que não parta da concepção do “certo” e do “erro”, pois acreditamos que no momento que o aluno foge ao que é estabelecido como “correto” esta fuga se dá na tentativa de se chegar ao certo. O que queremos, então, é que estas fugas ao que é pré-estabelecido como correto não seja considerado unicamente como uma falta de compreensão por parte do aluno, pelo contrário queremos que isto seja visto como uma reflexão, uma busca do “falar bem”.

2. ESTRUTURAS MORFOLÓGICAS DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Para iniciarmos a discussão deste capítulo gostaríamos, antes de tudo, de fazer uma breve explanação sobre o que é morfologia, do que ela se ocupa e quais são os seus conceitos.

Conceituar a morfologia é algo difícil de fazer. O primeiro problema que cerca a definição desta área de estudo é o que se entende por morfologia. Na tentativa de responder a este questionamento Rosa (2000) nos aponta alguns possíveis conceitos do que vem a ser morfologia:

A consulta ao étimo, no caso da morfologia, nos dirá que o termo provém das formas gregas *morphê*, ‘forma’, e *logos*, ‘estudo, tratado’(...) Morfologia significa, com base nos elementos de origem, o ‘estudo da forma’.

Como se observa, nas próprias palavras da autora, definir morfologia pelo seu étimo não corresponde a conceituar exatamente o que vem a ser esta área de estudo, pois não se sabe ao certo o que significa o termo ‘forma’ apresentado nesta definição, ainda segundo a autora o termo forma:

compreende dois níveis de realização: os sons, destituídos de significado, mas que se combinam e formam unidades com significados; e as palavras, as quais, por sua vez, têm regras próprias de combinações para a composição de unidades maiores. (ROSA 2000;p.15)

Nesta definição notamos que a palavra pode ser entendida como a “unidade fundamental para representar a correlação entre o plano da expressão e o do conteúdo” (ROSA 2000), porém não cabe a palavra esta atribuição, mas sim ao morfema³.

Ainda na tentativa de definir o que vem a ser a morfologia podemos dizer que esta é a parte “*da gramática que estuda a estrutura da palavra*” (ROSA 2000), porém esta definição também reduz o seu significado maior. O que se pode dizer da morfologia é que ela é uma área que não tem um sentido único, pois ela concebe a língua e linguagem.

Por conceber língua e linguagem a morfologia ocupa-se de estudar a relação das palavras, ou suas unidades mínimas, dentro do contexto da língua/linguagem em si. A

³ Entende-se aqui como morfema a unidade mínima significativa da palavra.

morfologia é, pois, deste modo, o estudo de cada palavra pertencente a um enunciado, ela (morfologia) estuda as palavras separadamente para descobrir o seu sentido dentro do contexto ao qual foi inserido.

Por ocupar-se das palavras de forma isolada, os conhecimentos morfológicos, durante muito tempo, foram tidos como prontos e acabados, pois os estruturalistas fizeram um estudo minucioso sobre este assunto e desde então ele passou a ser considerado como “algo absoluto”, por se tratar de algo considerado como imutável, e na verdade o é.

A estrutura de uma palavra é algo imutável, como foi considerada pelos estruturalistas, porém o que não pode ser considerado como imutável são as possíveis combinações entre seus termos constituintes⁴, pois apesar de seguirem uma regra de combinação entre si, estas regras às vezes podem ser quebradas.

Segundo Basílio (1987; p.5):

As palavras são elementos de que dispomos permanentemente para formar enunciados.

Quase sempre fazemos uso automático das palavras, sem parar muito para pensar nelas. E não nos damos conta de que muitas vezes estas unidades com que formamos enunciados não estavam disponíveis para uso e foram formadas por nós mesmos, exatamente na hora em que a necessidade apareceu.

Como se observou neste trecho, a palavra é o elemento que utilizamos para nos comunicarmos, e devido ao fato de utilizarmos automaticamente este recurso que dispomos para formar enunciados acabamos por proferir palavras disponíveis e também indisponíveis em nossos acervos léxicos, conclui-se assim, que a morfologia preocupa-se, de modo mais geral, com as palavras, os morfemas, e a função destes na língua.

2.1 A COMBINAÇÃO DAS PALAVRAS

A palavra é um importante instrumento comunicativo que os falantes dispõem para formar enunciados. As palavras são, portanto, as unidades com o qual se forma

⁴ Os termos constituintes da palavra serão debatidos mais adiante no tópico que trata dos elementos constitutivos da palavra.

enunciados, seu uso é automático, sem a devida pausa para a verificação de sua disponibilidade.

Como as palavras são usadas automaticamente por seus falantes de forma efêmera é natural que surjam novas palavras a partir das necessidades do falante. Desta forma, é comum que o acervo léxico de uma língua se renove constantemente, porém o que tem gerado alguns problemas nesse processo de renovação da língua (no caso dos neologismos) é o fato da aceitação ou não de algumas combinações entre seus termos constituintes.

A combinação das palavras é um campo bastante complexo da morfologia, pois é difícil entender por que algumas palavras podem admitir certos afixos e outras não. Para um falante nativo parece ser natural, por exemplo, a escrita da palavra *desmatamento*, pois socialmente e historicamente existe uma explicação plausível para a utilização deste sufixo *mento* (que caracteriza um tipo de ação) junto à base *desmata*, porém ao tentar utilizar o mesmo sufixo para a base *estupro* na tentativa de caracterizar uma ação não se tem o mesmo efeito, a junção destes elementos parece bastante estranha.

Para um indivíduo que está iniciando o seu processo de aquisição da linguagem bem como para os falantes de um modo geral é bastante difícil entender as condições que permitem a combinação de certos formativos enquanto proíbem outras formações. Uma boa explicação para essa indagação seria, segundo Basílio (1987), o fato da existência de outras palavras já consagradas pelo uso, porém esta explicação não é suficiente para dar conta de todos os casos da língua.

Para entender melhor os princípios que norteiam as combinações de palavras na língua portuguesa é necessário que se entenda e se defina a estrutura das palavras e seus elementos constitutivos.

2.2 A ESTRUTURA DA PALAVRA

A palavra é algo difícil de conceituar, para Basílio (1987) ela “é uma unidade básica, facilmente reconhecida por seus falantes em sua língua nativa, podendo ser unidades complexas, constituídas por mais de um elemento”. Flôres (2004), por sua vez,

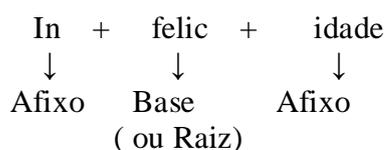
considera a palavra como o todo significativo, como uma estrutura que possui significado completo.

Vê-se, pois, nestes dois autores que a palavra, apesar de sua fácil percepção e identificação, não possui uma conceituação capaz de defini-la por completa. Assim, a palavra em si já carrega uma complexidade muito grande, pois de uma palavra podem surgir várias outras, assim como também existem palavras que são formadas por apenas um elemento constitutivo.

Desta forma, a palavra se constitui por processos de formação, sendo que cada constituição depende da quantidade de elementos que ela possui, ou melhor, há palavras monomorfêmicas⁵ que se constituem de apenas um elemento e também há palavras que são constituídas por dois ou mais elementos. Estes elementos constitutivos serão abordados no próximo tópico.

2.3 ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DAS PALAVRAS

A palavra, na língua portuguesa, se constitui basicamente por dois tipos de morfemas que são os afixos e a base. A base (ou também designada por alguns autores como Raiz) é considerada como um morfema que possui sentido próprio, ou melhor, é um morfema que possui um sentido completo capaz de constituir a base de uma palavra. Os afixos correspondem aos prefixos e aos sufixos colocados junto à base para acrescentar-lhes um sentido a mais. Como se pode observar no exemplo a seguir:



Neste exemplo podemos notar que a palavra *feliz* por possuir um sentido completo pode ser considerada como uma base (raiz), os afixos, por sua vez, apesar de também terem um significado próprio, são apenas acessórios, não funcionam isoladamente em nossa língua, somente ao unir-se com uma palavra é que ele (afixo) se torna significativa, alterando o significado primeiro da base. Assim, a palavra *feliz* existe isoladamente em nossa língua e ao acrescentamos o afixo *in* (que possui sentido negativo) a base *feliz* teremos uma nova palavra que pode ser entendida como não feliz,

⁵ Termo utilizado por Basílio (1987; p.13) para designar a palavra formada por um único morfema.

do mesmo modo ocorre quando acrescentamos o afixo *-idade* à base *feliz*, o seu sentido muda.

2.3.1 Os Afixos

Os afixos são os elementos acrescentados a Raiz para formação de uma palavra diferente daquela da base, estes elementos possuem um significado independente da raiz a qual será colocado, sendo o seu acréscimo uma união de significados. Para demonstrar tomemos o exemplo do tópico anterior, o afixo *in* possui um sentido de negação, sendo assim, ao unir-se a qualquer base o mesmo lhe dará um sentido negativo.

Os afixos podem se subdividir em dois tipos: prefixos e sufixos que serão estudados a seguir.

2.3.1.1 Prefixos

O termo *pré* é usado para designar algo anterior, algo que vem antes, o termo *fixo* é algo fixado que não muda, assim como as raízes. Desta forma, os prefixos são os elementos que se usa antes da base para formar uma palavra com novo significado.

Como já mencionado cada afixo possui um significado e ao ser acrescentado a uma base sua função é atribuir-lhe uma idéia acessória. Temos, por exemplo, o prefixo *in* que funciona como uma espécie de negação, tal elemento ao ser colocado junto à base *feliz* transforma todo o seu significado, pois o que antes era tido como algo positivo passa com o acréscimo desse prefixo a ser negativo, assim tem-se *infeliz* como não feliz, sem felicidade.

2.3.1.2 Os Sufixos

Os sufixos são entendidos como o acréscimo de um elemento posterior à base, assim como os prefixos, eles são utilizados para acrescentar uma idéia nova à base a qual é acrescentada. Cada sufixo possui um significado próprio que determinará o resultado final (em termos de significados) da base a qual foi acrescentado. Assim, tomando como exemplo a palavra *feliz* (base) em si já possui um significado próprio, porém ao acrescentar-lhe o sufixo *idade* transforma-se totalmente o seu significado primeiro.

2.3.1.3 A Parassíntese

A parassíntese é um caso de elementos constitutivo da palavra bastante discutido entre estudiosos da área da morfologia da língua, isto porque este é um caso de acréscimo simultâneo a uma base, ou melhor, a parassíntese consiste no acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo a uma determinada base. Este fenômeno da linguagem é bastante discutido porque seus critérios de aceitabilidade são muito restritos. Assim, para que haja definitivamente um processo parassintético se faz necessário que o acréscimo simultâneo seja de forma independente, ou seja, ao acrescentar o prefixo e o sufixo a uma base é necessário que este acréscimo não possa ocorrer isoladamente. Observe alguns exemplos de parassíntese.

A palavra *infelicidade* poderia muito bem ser considerada como um caso de parassíntese, visto que a base *feliz* é acrescida do prefixo *in* e do sufixo *idade* de forma simultânea, porém este não consiste em um exemplo de parassíntese, devido ao fato da existência isolada da palavra *infeliz* (caso de prefixação) e da palavra *felicidade* (caso de sufixação). Assim, para que seja considerado como um caso de parassíntese é necessário que o acréscimo de prefixo e sufixo só possam ocorrer juntos, sem que haja uma possibilidade da existência de casos só com prefixo, ou só com sufixo como o do exemplo mostrado.

Para demonstrar um caso de parassíntese extrairemos um exemplo do trabalho de Ilari (2004; p.169, 170):

É o caso, por exemplo, de *esclarecer*: a partir de *claro*, não se acrescenta primeiro um prefixo (* *esclaro*) e depois um sufixo (*esclarecer*). Também não se acrescenta primeiro um sufixo (* *clarecer*) e depois um prefixo (*esclarecer*). Passa-se diretamente de *claro* para *esclarecer*, ou seja, há o acréscimo simultâneo dos afixos.

No exemplo mostrado, percebe-se que a palavra *esclarecer* não ocorre só com o acréscimo de um prefixo, ou de um sufixo, mas do acréscimo simultâneo dos afixos, portanto a parassíntese consiste no acréscimo simultâneo de prefixos e sufixo a uma base.

Nota-se, com o exemplo dado, que várias são as possibilidades de se formar uma palavra seja por acréscimo de um prefixo ou um sufixo a uma base, ou, então, através

do acréscimo simultâneo destes afixos citados. Assim, em alguns casos, os afixos contribuem no processo de formação de uma nova palavra.

2.4 OS AFIXOS E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Existem dois processos gerais de formação de palavras: a derivação e a composição. No caso da derivação, uma nova palavra é formada a partir da junção de um afixo (prefixo, sufixo, ou os dois) a uma base. No caso da composição, uma nova palavra é formada a partir da junção de duas bases, sejam elas iguais ou diferentes.

O caso que interessa neste trabalho é o da derivação, pois este processo de formação de palavras é altamente produtivo na língua portuguesa existindo, assim, vários casos de derivação.

2.4.1 A Derivação

O processo de formação de palavras feito por derivação também é conhecido por processo concatenativo devido ao fato deste ser feito através de uma possível combinação entre palavras, ou melhor, a derivação se faz por meio de combinações entre a base e os afixos. Tal processo permite a criação de uma nova palavra a partir da junção destes termos. Assim, o que determinara o tipo de derivação é o acréscimo do afixo.

Neste trabalho, em particular, será analisado o processo de derivação prefixal, sufixal e parassintético.

2.4.1.1 Derivação Prefixal

A derivação prefixal é o processo de formação de palavras produzido a partir do acréscimo de um prefixo a uma base. Nesta derivação tem-se a combinação da base mais o prefixo que dará surgimento a uma nova palavra.

Em geral, apesar de não ser uma regra, a combinação de um prefixo e uma base pode alterar a classe gramatical da palavra derivada, ou seja, se tiver uma base substantiva à mesma poderá adquirir função adjetiva, porém não nos aprofundaremos neste caso por não ser foco de nossa análise.

2.4.1.2 Derivação Sufixal

A derivação sufixal é um processo de formação de palavras que consiste no acréscimo de um sufixo a uma base. Este processo, também, dará surgimento a uma palavra nova, porém através da combinação entre a base e o sufixo.

O processo de derivação sufixal é caracterizado pelo acréscimo de uma idéia acessória a base a qual foi unida, podendo alterar-lhe a classe gramatical, porém como já mencionado anteriormente não nos aprofundaremos neste ponto, pois não será trabalhado aqui com mudanças de classes.

2.4.1.3 Derivação Parassintética

A derivação parassintética difere das demais por ser um caso especial de derivação, pouco comum. Neste caso de derivação se faz necessário o acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo para a formação de uma nova palavra.

O que torna este processo diferente dos demais é que nem sempre o acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo o tornará uma derivação parassintética, pois para que se tenha este tipo de derivação se faz necessário que tanto o sufixo quanto o prefixo ao ser unido a base não funcionam isoladamente.

2.5. A DERIVAÇÃO E O SURGIMENTO DE NOVAS PALAVRAS

As derivações já vistas, assim como as não mencionadas aqui, possibilitam o surgimento de novas palavras. Ao acrescer um afixo, que já possui um significado próprio, a uma base têm-se o acréscimo de uma nova idéia para mesma, assim surge, uma nova palavra, por isso as derivações são consideradas como um processo de criação de palavras.

O surgimento de novas palavras é algo incontrollável, pois as necessidades lingüísticas vêm se ampliando a cada dia que passa o que possibilita a criação de novas palavras. Assim, a possibilidade de surgir um novo vocábulo não institucionalizado (dicionarizado) através dos processos de formação de palavras existente na língua portuguesa é enorme.

2.6 POR QUE INVENTAR NOVAS PALAVRAS?

Os processos de criação de palavras são muito produtivos em nossa língua. Há muito tempo os acervos léxicos da língua vêm se ampliando a partir de tais processos,

pois são eles que auxiliam nesta ampliação. Inúmeras palavras surgem constantemente em nosso dia-a-dia e isso se dá devido ao fato da constante necessidade comunicativa.

Como já mencionado a língua, por ser algo viva, está sempre passível a inovações nos mais variados campos, sejam eles campos léxicos, fônicos, semânticos, dentre outros. Deste modo, o acervo léxico de todas as línguas vivas se renova. Segundo Alves (2007) “...Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada pelos falantes de uma comunidade lingüística...” Assim, de acordo com Alves, as palavras vão se modificando à medida que vão surgindo novas necessidades de nomear o mundo, as coisas, os conceitos e também a medida que vão surgindo novos jeitos de dizer uma mesma coisa. Deste modo, como o tempo muda, a língua tende a acompanhar tais mudanças, pois as mudanças surgem da necessidade de seus falantes.

Existem, pois, várias explicações para o surgimento de novas palavras, alguns autores defendem a questão da necessidade da língua, outros optam por dizer que o acervo léxico não corresponde as necessidades dos falantes. No entanto todas estas afirmações caminham para a mesma direção, a falta de palavras na língua que se adéqüem exatamente ao que se quer dizer exatamente no momento em que a necessidade surgiu.

Acrescentaríamos, aqui, uma nova explicação para a inovação lexical obtida através dos dezoito meses de observação em sala de aula⁶ que é a criação por associação, por associar uma palavra à outra o falante acaba por criar uma nova.

2.7 O FENÔMENO DA *NEOLOGIA*

A criação de palavra recebe o nome de *neologia* e a palavra criada, em si, recebe o nome de *neologismo*. Como foi visto, há inúmeras explicações que tentam justificar este fenômeno lingüístico, assim como, também, existem vários tipos de neologismos na língua portuguesa.

⁶ Período correspondente ao desenvolvimento da pesquisa que gerou esta monografia.

Os neologismos são formados por mecanismos próprios da língua, tais como a derivação e a composição, mas também podem ser formados por herança de outros sistemas lingüísticos.

Segundo Alves (2007) todo e qualquer falante está passivo a criar palavras, pois devido a comunicação ser efêmera esta está sujeita a mudanças enquanto é utilizada. Vale ressaltar, porém, que uma palavra só pode ser considerada como neologismo enquanto não entra no conhecimento lexical geral de seus falantes, deste modo um neologismo pode morrer no instante em que surge.

Os neologismos têm se mostrado bastante produtivos nas várias esferas da comunicação, seja ela nos meios de comunicação em massa, nas obras literárias, ou até mesmo nas salas de aula como se pode observar no decorrer desta pesquisa.

2.8 OS NEOLOGISMOS NO PORTUGUÊS

As criações neológicas são de variadas natureza e bastante constante nos meios de comunicações de massa e, através desta pesquisa, notou-se também que sua presença é bastante comum em sala de aula.

Na língua portuguesa existem vários tipos de neologismos, porém aqui serão apresentados apenas os neologismos formados por processo de derivação e por herança de unidade léxica de outros sistemas lingüísticos.

2.8.1 Neologismos Formados por Processo de Derivação

Os neologismos formados por processo de derivação são aqueles que utilizam combinações de elementos já existentes no sistema lingüístico. Assim, novas palavras são criadas a partir das palavras existentes no sistema lingüístico da língua portuguesa, seja por meio de prefixação, sufixação, ou por meio da parassíntese.

2.8.1.1 Neologismos Formados Por Meio de Derivação Prefixal

Os neologismos formados por meio de derivação prefixal são formados a partir do acréscimo, de forma não institucionalizada (dicionarizada), de determinados prefixos juntos a determinadas bases, de modo que esta junção ainda não seja reconhecida pela norma padrão da linguagem. Nos casos já observados (durante esta pesquisa ou até mesmo em obras já publicadas) este processo se deu quando uma base conhecida

admitia apenas uma determinada combinação prefixal e a regra da combinação não foi respeitada, nestes casos tem-se uma criação lexical por meio de derivação prefixal.

De acordo com a descrição de Alves (2007; p. 14 e 15):

A derivação prefixal é um processo extremamente produtivo no português contemporâneo. Ao unir-se a uma base, o prefixo exerce a função de acrescentar-lhe variados significados: “grandeza, exagero, oposição, pequenez, repetição...”

Os prefixos, ao serem antepostos a uma base, atribuem-lhe um determinado significado que modificará o significado primeiro da base, como expressou Alves (2007). Assim, muitas criações no campo da derivação se dão exatamente por se ter conhecimento deste tipo de estratégia lingüística propiciada por tal processo.

As criações neológicas por meio prefixal tendem a trazer o significado do prefixo para uma base qualquer da língua. Assim, o significado da base será modificado para adquirir o significado do prefixo a ela inserido. Para demonstrar este efeito, será utilizado o exemplo dado por Alves (2007) quanto à utilização do prefixo *in* de forma neológica.

O prefixo *in* na língua portuguesa admite o significado de negação, sendo capaz de substituir o próprio *não*, deste modo o termo *incoincidência*⁷ é entendido como a não coincidência. Percebe-se neste tipo de criação que alguns neologismos partem de uma reflexão da estrutura da língua, porém quando não se observa este tipo de estratégia utilizada pelos falantes, os neologismos parecem construções absurdas, ou até mesmo estranhas.

2.8.1.2 Neologismos Formados Por Meio de Derivação Sufixal

O processo de criação de palavras produzido por meio de sufixal em muito se assemelha ao da criação prefixal, a diferença está, pois, na colocação do afixo. O neologismo por meio de derivação sufixal se dá com o acréscimo de um sufixo a uma base.

⁷ Exemplo extraído do trabalho de Alves (2007).

As criações neológicas por meio sufixal tende a atribuir “à palavra-base a que se associa uma idéia acessória” (ALVES 2007) que modificará o significado da mesma. Para demonstrar este efeito de idéia acessória será utilizado um exemplo extraído do trabalho de Flôres (2004; p. 102) que define a neologia como a atribuição de novos sentidos a palavras já existentes. De acordo com esta definição ao colocar o sufixo *ismo* na palavra-base *denuncia* tem-se a criação da palavra *denuncismo* que segundo a explicação da própria autora trata-se de um:

Processo de derivação sufixal, sufixo nominal *ismo*, formando unidade lexical neológica cuja base já é um substantivo. Atribui à palavra-base uma idéia acessória, associada à idéia de doutrina ou filosofia pregada por uma personalidade. Outros exemplos: mau caratismo e brizolismo.

Assim como o processo de criação prefixal, a criação por meio de sufixação tende a trazer o significado do sufixo para a palavra-base a qual é inserida e do mesmo modo que ao antepor um afixo a uma palavra altera-lhe o significado ao colocar um sufixo em uma base também se alterará o seu significado. Sendo assim, tanto prefixo quanto o sufixo possuem um significado próprio, porém acessório, e que ao juntar-se com uma base o efeito é de acréscimo de significado, modificação, de inovação, como Flôres (2004) acredita.

Sabendo, pois, que cada afixo possui um significado, algumas palavras são criadas no intuito de modificar o que já é institucionalmente estabelecido para produzir um efeito de sentido próprio, como exemplo disto, tem-se as criações por meio do sufixo, que vezes são tidas como diminutivo e vezes é tido como pejorativo, como é o caso de *inho/ inha*.

Os falantes da língua criam palavras a partir do conhecimento sobre o efeito que se obtêm com determinados afixos, certas criações não são “involuntárias”, pelo contrário, ou são por reflexão e por não aceitação do padrão, ou são propositas.

2.8.1.3 Neologismos Formados Por Meio de Derivação Parassintética

As formações neológicas parassintéticas, em que o prefixo e o sufixo juntam-se simultaneamente a uma palavra-base, não apresentam muita produtividade no português contemporâneo, pois para que ocorra este processo se faz necessário que tanto o prefixo quanto o sufixo se incorporem ao mesmo tempo à palavra-base. Um exemplo deste tipo de criação pode ser observado no trabalho de Alves (2007) em que se tem:

O verbo *apalhar*, proveniente do substantivo *palhaço*, recebe no momento de criação tanto o prefixo *a* como o sufixo *ar*, pois não são atestadas as formas *apalhaço* e *palhaçar*.

Como se pode observar neste exemplo tanto o prefixo quanto o sufixo foram acrescentados a base simultaneamente, de modo que estes só funcionam juntos, assim a derivação parassintética só ocorrerá quando uma palavra for acrescentada de prefixo e sufixo ao mesmo tempo, por isso que esta derivação não é tão produtiva no português contemporâneo.

2.9 NEOLOGISMOS FORMADOS POR HERANÇA DE OUTROS SISTEMAS LINGÜÍSTICOS

A língua portuguesa tem ampliado o seu acervo léxico por meio de mecanismos próprios da língua, mas também por meio de outros mecanismos, tais como os empréstimos que faz de outros sistemas lingüísticos o que Alves (2007) denomina de neologismos por empréstimos.

Entende-se por neologismos por empréstimo todo e qualquer empréstimo lingüístico em que haja alteração da forma original da palavra emprestada, valendo para qualquer sistema lingüístico, seja ele uma língua estrangeira, ou até mesmo oriunda do latim.

O fenômeno da neologia por empréstimo é também, entendido como o aportuguesamento de termos de outra linguagem que não a portuguesa propriamente dita. Assim, para que haja efetivamente este tipo de neologia é necessário que o item léxico estrangeiro se integre ao da língua receptora, integração essa que pode se manifestar através de adaptações gráficas, morfológicas e semânticas.

Para exemplificarmos este tipo de neologia utilizaremos o trabalho de Alves (2007; p.75), em que cita as palavras no “inglês *promoter* e o francês *promoteur* que equivalem ao vernáculo ‘organizador’...”. Notamos neste exemplo que foi feita uma adaptação gráfica- semântica da palavra *promoter* para designar as pessoas que trabalham como organizador de eventos, mudando, assim, o seu significado primeiro que é promotor e não organizador como sugere a profissão.

É, pois, com a exposição deste fenômeno lingüístico que se conclui que o acervo léxico de uma língua não se amplia exclusivamente por meio do acervo já existente, mas também, através do contato entre as comunidades lingüísticas, dando a impressão que determinadas palavras realmente pertencem ao acervo léxico português.

2.10 OUTROS PROCESSOS NEOLOGICOS NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Além dos processos neológicos, citados acima, advindos do processo de derivação, existem outros processos de criação de palavras que ajudam a ampliar o acervo léxico do português contemporâneo. Dentre eles podemos citar: neologismos fonológicos, neologismos formados por composição, conversão, neologismos semânticos e os processos menos produtivos na língua.

2.10.1 Neologismos Fonológicos

Os neologismos fonológicos são extremamente raros na língua portuguesa, pois este tipo de neologismo não surge de uma palavra já existente sua criação parte de um item léxico cujo significante é totalmente inédito.

Assim, os neologismos fonológicos não asseguram a sua legitimidade, pois para que haja legitimidade, segundo Alves (2007; p.11)

não basta que um significante esteja de acordo com o sistema de uma língua para que ele se torne um elemento integrante do léxico desse idioma. É o próprio mecanismo da comunicação que impede a vivacidade da neologia fonológica.

Como observamos, nas palavras de Alves, por ser algo totalmente inovador e por não estar de acordo com o sistema da língua, este tipo de neologismo não será

decodificado, o que dificultará a comunicação, por isso que os “próprios mecanismos da comunicação impedem a vivacidade da neologia fonológica”.

2.10.2 Neologismos Formados por Composição

Os neologismos formados por composição pertencem ao mesmo grupo dos neologismos formados por derivação, a neologia sintática. Apesar de pertencerem ao mesmo grupo ambos são diferentes entre si.

Todos os neologismos sintáticos supõem uma combinação de elementos já existentes no sistema lingüístico, sendo considerado sintático por ter a possibilidade de alterar a sua classe gramatical, dentre outras características.

A diferença, pois, entre a neologia por composição e a neologia por derivação está na forma como estes se constituem. Como vimos em tópicos anteriores a este, a neologia que tem por base a derivação dá-se entre a combinação de uma base + afixos ao contrário da neologia por composição que se dá através de junção de uma base com outra base.

Deste modo, o processo de composição implica a justaposição de bases autônomas ou não autônomas. A unidade léxica composta, que funciona como morfológica e sintaticamente como um único elemento, não costuma manifestar formas recorrentes.

2.10.3 Conversão

A conversão também pode ser considerada como uma derivação, porém esta derivação é classificada como imprópria devido ao fato de haver alteração apenas em sua distribuição e não na sua forma. Segundo Alves (2007; p. 60)

A conversão, também denominada derivação imprópria, designa um tipo de formação lexical pelo qual uma unidade léxica sofre alterações em sua distribuição sem que haja manifestações de mudanças formais.

Geralmente este tipo de neologismos converte uma palavra de uma classe gramatical em outra classe e a sua análise e compreensão depende do contexto em que está inserido.

2.10.4 Neologismos Semânticos

Os neologismos semânticos correspondem, de acordo com Alves (2007; p. 62), a “qualquer transformação semântica manifestada num item lexical ocasionando a criação de um novo elemento”. Estes tipos de neologismos são criações que surgem na língua portuguesa sem que haja nenhuma mudança formal em unidades léxicas já existentes, sua mudança ocorre apenas no campo semântico.

2.10.5 Outros Processos Menos Produtivos

Existem, também, outros processos que contribuem para enriquecimento lexical da língua portuguesa, além dos que citamos acima, porém tais processos são menos produtivos que os demais, são eles: a truncação, a palavra-valise, a reduplicação e a derivação regressiva.

2.10.5.1 Truncação

A formação de palavras pelo processo de truncação constitui um tipo de abreviação em que uma parte da seqüência lexical, geralmente a final é eliminada (ALVES 2007; p.68), ocasionando, assim, uma redução na palavra.

Podemos exemplificar este tipo de formação de palavras utilizando um vocábulo bastante conhecido pelos jovens. Trata-se da palavra *refri* que advém da palavra *refrigerante*. Neste caso, temos um exemplo comumente utilizado, nele é suprimindo a seqüência lexical *gerante* restando apenas *refri*.

2.10.5.2 Palavra- valise

A palavra- valise constitui um processo de formação de palavras em que:

se manifesta um tipo de redução, duas bases – ou apenas uma delas – são privadas de parte de seus elementos para constituírem um novo item léxico: uma parte final e outra, sua parte inicial.(ALVES; p.69)

Este tipo de formação de palavras pode ser entendido, também, como um cruzamento vocabular. Para demonstrar essas ocorrências extrairemos um exemplo do trabalho de Alves (2007; p. 70) em que é apresentado uma “fusão das bases substantivais *brasileiro* e *paraguaio* que resulta o neologismo substantival *brasiguaio*”.

Neste exemplo está clara a privação da parte final da palavra *brasileiro* e a privação da parte inicial da palavra *paraguaio*.

2.10.5.3 Reduplicação

A reduplicação constitui um processo pouco produtivo na língua portuguesa, pois este se trata de “um recurso morfológico em que uma mesma base é repetida duas ou mais vezes a fim de constituir um novo item léxico” (ALVES 2007; p. 70-71).

2.10.5.4 Derivação Regressiva

A derivação regressiva ocorre, segundo Alves (2007; p.71), quando “a criação de uma nova unidade léxica deve-se a supressão de um elemento, considerado de caráter sufixal”.

Esse tipo de derivação, no português, decorre, principalmente, dos substantivos deverbais, resultando de uma substantivação das formas verbais mais o acréscimo das vogais *a, e, o* ao radical do verbo. Um exemplo é *amasso*, forma substantiva relativa ao verbo *amassar* (ALVES 2007; p.71). Assim, essa derivação é uma regressão das palavras primitiva, havendo, pois, a supressão da terminação *ar*.

2.11 A RENOVAÇÃO LEXICAL É NECESSÁRIA?

Os estudos no campo da morfologia têm demonstrado que novas construções vêm ocorrendo com frequência nos mais variados níveis de utilização da linguagem com o objetivo de cobrirem as lacunas deixadas nos diversos níveis gramaticais. Estas palavras não institucionalizadas (dicionarizadas) começam a fazer parte do vocabulário dos mais diferenciados falantes da língua.

Deste modo, apesar de causarem certo estranhamento para os falantes da língua, estes novos vocábulos surgem exatamente na intenção de se melhorar o dizer, ou melhor, “elas surgem justamente em função da busca do *dizer melhor*” (FLÔRES 2004). Assim, para responder a pergunta que nomeou este tópico, será citado o trabalho de Flôres (2004; p. 98) em que ela debate sobre a renovação lexical:

Tanto o utente do nível popular quanto o do nível culto conseguem manipular o campo lexical de que dispõe, isto é, dos morfemas que já conhecem (até

inconscientemente), e, através de processos diversos, constroem novas palavras, visando unicamente à clareza da exposição da sua idéia.

Assim, as palavras novas surgem por necessidades do falante, necessidades essas que se caracterizam pela constante busca do aprimoramento do *falar bem, do expressar-se bem*. Ao criar um neologismo o falante tem, muitas vezes, plena consciência de que está inovando, gerando novas unidades léxicas, porém esta inovação acontece exatamente por uma necessidade dos falantes que tentam preencher lacunas de expressões, ou porque “*faltam palavras*” como nos diz Medeiros (apud FLÔRES 2004; p.66).

A necessidade de criar novas palavras pode partir de duas possibilidades que são: a necessidade histórica que tem por objetivo nomear novos objetos, novas descobertas, dentre outras; e a necessidade imediata, circunstancial do falante que tem por objetivo auxiliar as pessoas nos momentos de suas interações. Neste trabalho nos dedicamos a analisar as palavras criadas no momento de interação, palavras criadas por falta de um termo que se adéqüe exatamente ao que o falante quer dizer no ato de sua fala.

Neste sentido, a falta de palavras para o bem expressar abrange todos os falantes, independente de sua classe social ou do seu grau de escolaridade e isso será mostrado através dos textos extraídos de alunos do primeiro seguimento escolar, mais especificamente alunos de 4ª série do ensino fundamental.

3. NEOLOGISMOS EM TEXTOS ESCRITOS

Neste capítulo discutiremos algumas questões relacionadas à criação de palavras encontradas em textos de alunos, isto é, palavras que não se encontram no léxico da língua portuguesa e que, são, portanto, estranhas ao vocabulário padrão ou mais geral. Tais ocorrências podem ser alvo de rejeição por parte do professor por desconhecer os mecanismos de criação de palavras da língua ou por desconsiderar a necessidade do aluno de tentar escrever de forma mais elaborada. Desta forma, apresentamos algumas dessas palavras encontradas em textos escritos de alunos e discutimos o processo de formação envolvido.

3.1 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA FEITA

A pesquisa⁸ que resultou neste trabalho seguiu as propostas do subprojeto: *Interferências do oral no texto escrito em ambiente escolar* - elaborado e coordenado pela professora Dr^a Eliane Pereira Machado Soares (2008)- que tinha como objetivo estudar as intervenções didáticas dos professores nos problemas manifestados em textos escritos nos níveis ortográfico, gramatical e textual, em consequência das interferências da oralidade, considerando as diferenças entre as duas modalidades de língua (escrita e falada). A partir deste subprojeto identificamos as ocorrências de termos não institucionalizados encontrados nos textos escritos dos alunos e com isso demos início ao estudo das criações lexicais feitas pelos alunos como foco de pesquisa por pensarmos que tais alunos compreendem que a linguagem escrita tenha que ser mais elaborada que a língua falada.

Inicialmente nosso objetivo era verificar as possíveis ocorrências de termos não institucionalizados nos textos dos alunos, observando a situação de produção e a correção, isto é, qual a intervenção do professor mediante tal ocorrência. Para isso, era necessário adquirirmos produções de textos dos alunos após a correção dos professores, porém não conseguimos coletar textos com intervenções do professor.

O trabalho de observação em sala de aula, nesta pesquisa, iniciou-se em agosto de 2008, na escola Jonathas Pontes Athias em Marabá, na turma de 5º ano (antiga 4ª

⁸ O plano de ação deste projeto seguirá em anexo.

série do ensino fundamental). Nesse ano conseguimos um total de 8 (oito) produções escritas e cerca de 8 h/a (horas/aulas) gravadas. Das produções recolhidas, nesse período de observação, não encontramos nenhuma ocorrência de neologismos, porém no ano seguinte, ao ser realizado um trabalho de oficina pelos bolsistas do PROINT (programa integrado de apoio ao ensino, pesquisa e extensão), a qual fazia parte, pudemos observar a ocorrência de algumas criações por parte dos mesmos alunos outrora observados. O que nos fez acreditar que o que faltou para estes alunos foi a oportunidade de produzir textos que trabalhassem a sua opinião, o seu conhecimento sobre o que estava sendo debatido.

3.2 A ESCOLA OBSERVADA

A escola observada nesta pesquisa pertence à rede pública de ensino municipal e estadual da cidade de Marabá-Pa, especificamente, localizada no bairro Nova Marabá. Tal escola é referência de ensino na cidade devido ao fato de todos os projetos ou propostas de ensino serem testadas primeiramente nesta instituição. A escola possui sala de informática, sala de leitura, um bom acervo bibliográfico (com livros didáticos e paradidáticos), salas relativamente espaçosas, com acústica razoável, iluminação razoável, mas com vários problemas estruturais, com por exemplo, falta de ventilação, janelas danificadas, o que torna a sala muito quente, etc.

Por já possuírem experiências com desenvolvimentos de projetos e por serem flexíveis com relação ao desenvolvimento de pesquisas em parcerias, foi que se optou por realizarmos este trabalho nesta referida escola.

Quando a equipe da universidade foi apresentar a sua intenção para os professores da escola houve uma resistência muito grande por parte destes, pois segundo eles todos os pesquisadores que já estiveram em suas salas, ficavam lhes observando, e muitas vezes não demonstravam respeito e ética em seus trabalhos, além da pesquisa desenvolvida não mostrar nenhum retorno para a prática dos observados. Com isso, eles se sentiam a todo o momento objetos dos universitários que se achavam os detentores dos conhecimentos, e eles (observados) profissionais que não sabem de nada.

Após estes esclarecimentos dos professores, a equipe da universidade tentou demonstrar que suas intenções também se mostravam contra este tipo de ação/postura

de alguns pesquisadores. Porém, por mais que se esclarecesse este equívoco, alguns professores ainda demonstraram receio com o projeto.

Vencido este impacto inicial nos defrontamos com uma desestruturação do espaço físico da escola. Professores, alunos e até nós pesquisadores estávamos sendo prejudicados por causa de uma reforma que ocorreu neste estabelecimento.

Os representantes e administradores deste espaço escolar tiveram de trabalhar arduamente para que ela (escola) conseguisse cumprir os seus compromissos com a comunidade. Porém, apesar dos esforços da equipe escolar, não foi possível manter a escola com todas as turmas nos seus períodos completos. Assim, durante um determinado período atendia aos alunos de 1^a à 4^a séries e no outro os alunos de 5^a a 8^a séries, para que nenhum aluno ficasse prejudicado.

A situação enfrentada pela escola era enorme que chegamos a nos depararmos com professores tendo que ficar com parte de sua turma, depois de ter acabado o seu período, pelos corredores sem ao menos um espaço digno para desenvolver o seu trabalho para que as aulas ou o ano letivo não fossem prejudicados.

Vale ressaltar que esta reforma perdurou por todo o tempo em que estivemos desenvolvendo nossas atividades nessa escola, o que gerou muita dificuldade para a sua realização.

3.2 AS OCORRÊNCIAS

Como mencionado no tópico em que contextualizamos esta pesquisa, não conseguimos obter muitas produções escritas por motivos alheios a nossa vontade. O que conseguimos, e que servirá como instrumento de análise neste trabalho, são alguns textos recolhidos de uma oficina realizados pelos bolsistas que integram o PROINT (programa integrado de apoio ao ensino, pesquisa e extensão) nessa escola. Estes textos correspondem a produções dos alunos que fazia o 5^o ano no em de 2008 e dos alunos que faziam o 2^o a/2^o/c no ano de 2009. Optamos por analisar estes textos por acreditar que foi através de uma prática pedagógica diversificada, que fugia ao cotidiano dos alunos que permitiu a ocorrência destas criações, comprovando assim que para que haja uma reflexão por parte dos alunos sobre sua língua e a linguagem que ele fala, se faz necessária uma prática significativa.

Os textos serão apresentados de forma digitalizada e logo abaixo os mesmos serão transcritos para que haja, assim, uma maior visualização do nosso objeto de

análise. Vale ressaltar que não foi feita nenhuma alteração no texto original e que por isso as observações do que se pretende analisar virá escrita em itálico, apenas nas transcrições dos textos, com a indicação da linha em que a palavra foi escrita.

Para uma melhor visualização dividiremos os textos por tópicos ao qual julgamos pertencer, sendo assim os textos que encontramos se subdividiram nos tópicos: neologismos prefixais, neologismos sufixais, neologismos parassintéticos e neologismos por empréstimo.

3.2.1 Neologismos Prefixais

O texto a seguir foi produzido por um aluno do 1º A/3º C (antiga 5ª série do ensino fundamental), um dos alunos observado no ano de 2008. Esta produção foi pedida após a leitura e discussão do texto *Ousadia* de Fernando Sabino, nesta produção o aluno deveria recontar, ou escrever o que ele entendeu sobre o texto. Assim, vemos na produção a seguir que o aluno preferiu recontar o texto apresentando sua visão sobre os fatos narrados, veja:

Texto 1:

1. Quando uma mulher entrou em

um ônibus e foi pagar a passagem o cobrador se recusou a receber porque um homem já tinha pago a passagem dela, daí ela começou a insistir para pagar a passagem, o homem também já tinha decidido do ônibus, ela também deceu ela foi indo para casa dela, e ele estava seguindo ela, ele entrou atrás dela no prédio chegou em frente da porta ela entrou e ele começou a bater na porta e a empregada abriu a porta era o noivo dela, a empregada falou pra ela e ai ela si lembrou e ele não descupou ela porque não tinha como inreconhecer ele.

1. Quando uma mulher entrou em
2. um ônibus e foi pagar a passagem
3. o cobrador se recusou a receber porque
4. um homem já tinha pago a passagem
5. dela, daí ela começou a insistir para pagar
6. a passagem, o homem também já
7. tinha decidido do ônibus, ela também deceu
8. ela foi indo para casa dela e ele estava
9. seguindo ela, ele entrou atrás dela no
10. prédio chegou em frente da porta ela
11. entrou e ele começou a bater na porta
12. a empregada abriu a porta era o
13. noivo dela, a empregada falou pra
14. ela e ai ela si lembrou e ele não descupou
15. ela porque não tinha como *inreconhecer*
16. ele.

Na décima quinta linha, próximo a margem, vemos a palavra *irreconhecer* que ao analisarmos no contexto verificamos que esta significa não reconhecer. Neste caso observamos a colocação do prefixo *in-* à base verbal *conhecer*, porém o aluno já tinha colocado o prefixo *re-* nesta mesma base. Ao fazer esta colocação prefixal o aluno indica que entende a palavra *reconhecer* como uma única palavra e não percebe que tal vocábulo já possui uma derivação prefixal cuja formação é *re+conhecer*. É, pois, por saber o significado da palavra *reconhecer* que ele utiliza o prefixo *in-* para substituir a palavra *não*.

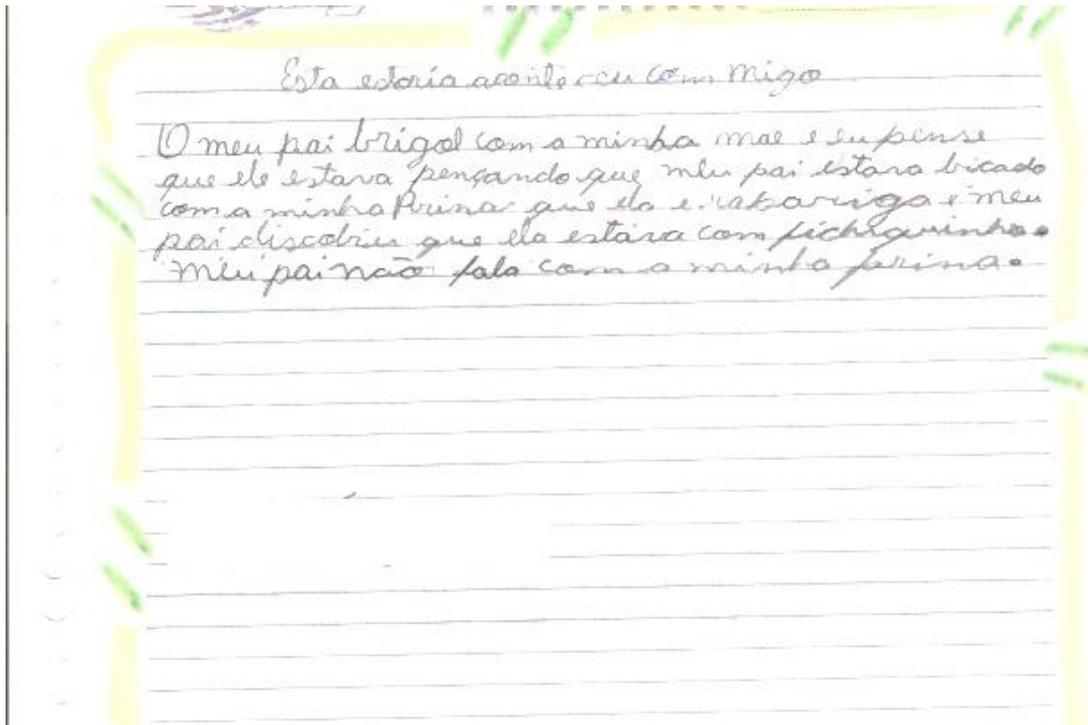
Neste caso temos um neologismo prefixal porque o afixo *in-* vem atribuir um significado acessório a base *reconhecer* (ALVES 2007), a qual o aluno considera como sendo um único vocábulo. Tal neologismo ocorre porque o aluno tem consciência do significado deste prefixo, e por saber como ele pode ser utilizado, porém o que o aluno desconhece é a situação de uso de tal prefixo, isto é, na língua portuguesa a combinação desses dois prefixos não é permitida nessa forma do verbo, embora seja permitida no adjetivo *irreconhecível*, onde *i-* é variante de *in-*. Deste modo, o neologismo formado por derivação prefixal ocorre exatamente pelo acréscimo de um prefixo a uma forma institucionalizada, resultando na forma não institucionalizada *Inreconhcer*.

Vale ressaltar, ainda, que o aluno reduplicou inclusive o *r*, como de fato se faz na língua para produzir o som *rr*, como se faz com o adjetivo, ou seja, ele toma como parâmetro outra ocorrência semelhante no mesmo campo lexical, o que demonstra o conhecimento dele da estrutura da língua e das possibilidades de formação de palavras da língua.

3.2.1 Neologismos Sufixais

O texto a seguir foi produzido por um aluno que deveria contar alguma história ocorrida, ou presenciada por ele. Tal pedido foi feito após a leitura e discussão da crônica “*Aconteceu alguma coisa*” de Carlos Drummond de Andrade. Observemos a produção deste aluno:

Texto 2:



Esta estória aconteceu com migo

- 1 O meu pai brigol com a minha mãe e eu pense
- 2 que ele estava pençando que meu pai estava bricado
- 3 com a minha prima que ela e rabariga e meu
- 4 pai descobriu que ela estava com fichiquinho.
- 5 Meu pai não fala com minha prima

Na quarta linha, vemos a palavra *fichiquinho*, após analisarmos o contexto percebemos que na verdade o aluno quis dizer *Fuchiquinho*. Deste modo, temos uma criação de palavra por meio sufixal. Tal criação se faz pelo acréscimo do sufixo *-inho* na palavra *Fuxico*, mas escrita com *ch* pelo aluno, resultando em desvio ortográfico além de criação lexical, haja vista não ser essa palavra dicionarizada. Neste caso, o aluno faz uma associação com outras palavras em que se admite tal sufixação, como por exemplo, *Amorzinho*.

O caso da sufixação é semelhante ao da prefixação, a diferença está, pois, na colocação do afixo, e assim como prefixo é anexado a base para atribuir-lhe um significado acessório, o mesmo ocorre na sufixação.

Nesta criação percebe-se que no uso de *-inho*, por ser um diminutivo, não tem a ver com o tamanho do que descreve, mas é uma forma de ironia por parte do aluno, uma vez que ao utilizar tal sufixo ele o faz com a intenção de menosprezar a pessoa de quem ele está falando. Assim, a utilização deste sufixo *-inho* como diminutivo, pode ser, vez ou outra, utilizado de modo pejorativo, como ocorreu neste exemplo.

O texto a seguir trata-se de um poema, produzido a partir de tema livre, o mesmo foi pedido após a discussão da estrutura gênero poesia. Assim, temos:

Texto 3

Poesia

Poesia e tudo
 todos nos
 precisamos delas
 poesia e poemas
 eu preparo uma canção
 do meu coração
 o mundo é grande
 e cabe todos nos
 no meio do caminho
 no meio do caminho
 tinha um coração
 do meu amor

Poesia
 Poesia e tudo

1. todos nos
2. precisamos delas
3. poesia e poemas
4. eu preparo uma canção
5. do meu coração
6. o mundo é grande
7. e cabe todos nos
8. no meio do caminho
9. no meio do caminho
10. tinha um coração
11. do meu *amor*

Na décima primeira linha, a palavra em itálico, trata-se de uma criação por meio de sufixação. O aluno emprega o sufixo aumentativo *-ão*, aqui entendido com um uso estilístico no sentido de valorizar o que se diz, especialmente por que se trata de substantivo abstrato, logo não tendo relação com o tamanho físico. Podemos observar com este emprego sufixal que o aluno faz uma associação com as demais palavras utilizadas no decorrer do poema e mesmo tendo a mesma terminação não se trata do mesmo sufixo, mas o aproveitamento se faz pela rima.

Assim, por se tratar de um gênero textual que vez ou outra utiliza a rima com recurso estilístico, o aluno decidiu fazer um poema utilizando tal recurso estilístico e ao fazer isso criou uma palavra para rimar com *coração*, no caso a palavra utilizada foi *Amosão*.

Esse texto foi produzido por um aluno de 6º ano (5ª série) que pertencia à primeira turma observada no ano de 2008. Com este texto percebemos que a falta de ocorrências neológicas nos textos dos alunos se deu porque suas produções não os faziam refletir sobre o que estava sendo trabalhado, ou não os incitavam a debater e opinar sobre os diversos assuntos estudados. Assim, o que faltou no ano 2008 foi uma oportunidade para o aluno produzir de maneira reflexiva, articulando o assunto trabalhado com o seu conhecimento prévio sobre o assunto, como sugere Geraldini (1996).

A próxima produção segue a mesma proposta do texto 2 em que o aluno deveria contar algo ocorrido, ou presenciado por ele.

Texto 4:

D S T Q Q S S

Data:




 P
 Português

Produção textual

Escreva um texto em que você conte algo interessante que aconteceu com você.

 Estranhamento

Amizade amiga foi surtada e o homem atirou bem na cara dela e ela morreu, e foi para o céu e o homem disse ela foi maravilhosa e a mãe dela chorou muito, e o pai dela também, e levaram ela para Belém Parques ela e de lá.



Data
Português
Produção textual

Escreva um texto em que você cante algo interessante que aconteceu com você.

Estrupamento

1. A minha amiga foi ausentada e o
2. homem atirou bem na cara dela e
3. ela morreu, e foi para o hospital e o
4. homem disse ela já morreu e a
5. mãe dela chorou muito, e o pai dela
6. também, e levou ela para Belém
7. Porque ela é de lá.

Nesta produção observamos, logo no título do texto, que o aluno faz uma colocação sufixal *-mento* na base substantival *estupro* (*estrupamento*), para caracterizar uma ação. Assim, por conhecer o significado deste sufixo e por já ter visto o seu emprego em outras palavras como, por exemplo, em *desenvolvimento*, o aluno cria uma palavra por associação.

Vale ressaltar outro ponto que nos chamou a atenção que é o fato do aluno ter riscado a palavra e reescrito em seguida, com isso demonstra uma reflexão sobre a língua, pois indica que há uma dúvida em relação à escrita ou da própria existência da palavra, por isso a rabiscou e reescreveu da forma que ele julgou “correta”.

A próxima produção também pertence à turma em que se iniciou a pesquisa no ano de 2008. Nela verificamos uma dificuldade muito grande com a escrita, apesar de já estar no 6º ano (5ª série) o aluno tem muita dificuldade em expressar suas idéias, tornando seu texto pouco compreensivo.

Este texto segue a proposta do texto 01. Nele foi pedido para o aluno produzir um texto com base na leitura da crônica *Ousadia* de Fernando Sabino. O texto lido trata do julgamento pela aparência, porém o texto do aluno fala sobre a traição entre marido e mulher. Veja:

Texto 05:

E

26/03/09

Portugues

A danice

a danice de um casal e uma traira que o casar
 tranhão o seus marido e traem suas mulher por
 um dia os dos casaus tavam brigando por os casaus
 são a mesma danice do outro e também os casaus
 são siomentos quando os colegas do marido chega
 os casaus ficavão com siumes e quando os casaus
 vão pro trabalho eles nem dão um beijo de despedi
 da poriso, o nome do texto e a danice agora os
 os casaus não são mais a danice

Portugues

A danice

1. a danice de um casal e uma traira que o casar
2. tranhão o seus marido e traem suas mulher por
3. um dia os dos casaus tavam brigando por os casaus são a mesma
4. danice do outro e também os casaus
5. são siomentos quando os colegas do marido chega
6. os casaus ficavão com siumes e quando os casaus
7. vão pro trabalho eles nem dão um beijo de despedi
8. da poriso o nome do texto e a danice agora os
9. os casaus não são mais a danice

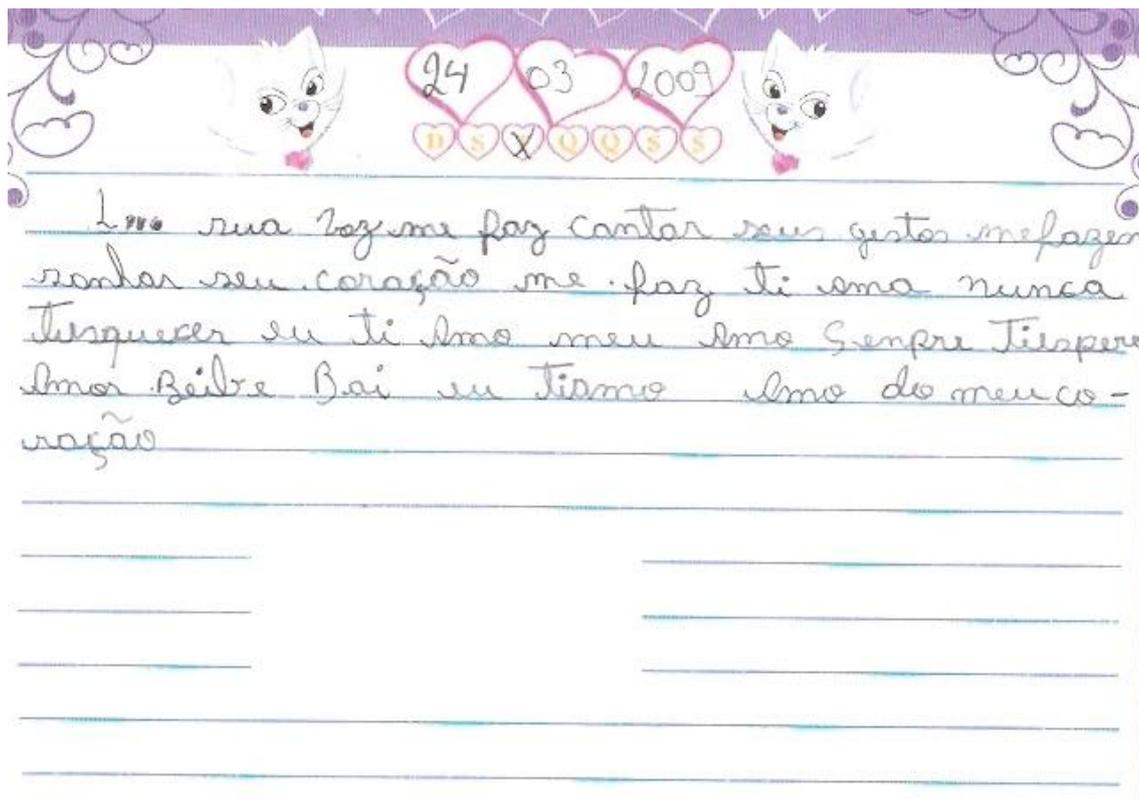
Neste exemplo observamos mais um caso de criação por meio de sufixação, em que o aluno parte de seus conhecimentos léxicos para criar uma palavra, ou melhor, por já ter visto uma palavra com este mesmo sufixo o aluno supõe que a palavra que ele quer escrever tenha a mesma forma de escrita. Assim, como o termo *canalhice* (*canalh* + *ice*) existe o aluno supõe que *danice* também existe. A palavra que origina este vocábulo é sem dúvida o termo *danado*, sendo assim, ao criar esta palavra vemos que a intenção do aluno é de criticar a infidelidade dos casais, acreditamos que sua intenção era a de criar a palavra *danadice*, porém houve uma supressão das sílabas *nad* da palavra o que gerou apenas *danice*.

Neste mesmo texto observamos ainda mais duas construções neológicas que é a pluralização de *casais*, em que o aluno escreve *casaus* por comparação deste com outros vocábulos em que a pluralização se faz com o sufixo *-us*, como em *cacaus*, por exemplo.

3.2.3 Neologismos por Empréstimo

Nos textos a seguir tem-se um tipo muito comum de criação que tem por base o uso de outro sistema lingüístico. Este processo consiste na ampliação léxica utilizando-se de acervos de outro sistema, ou melhor, “os contatos entre as comunidades lingüísticas refletem-se lexicalmente e constituem uma forma de desenvolvimento do conjunto lexical de uma língua (ALVES 2007; p.72).

TEXTO 6:

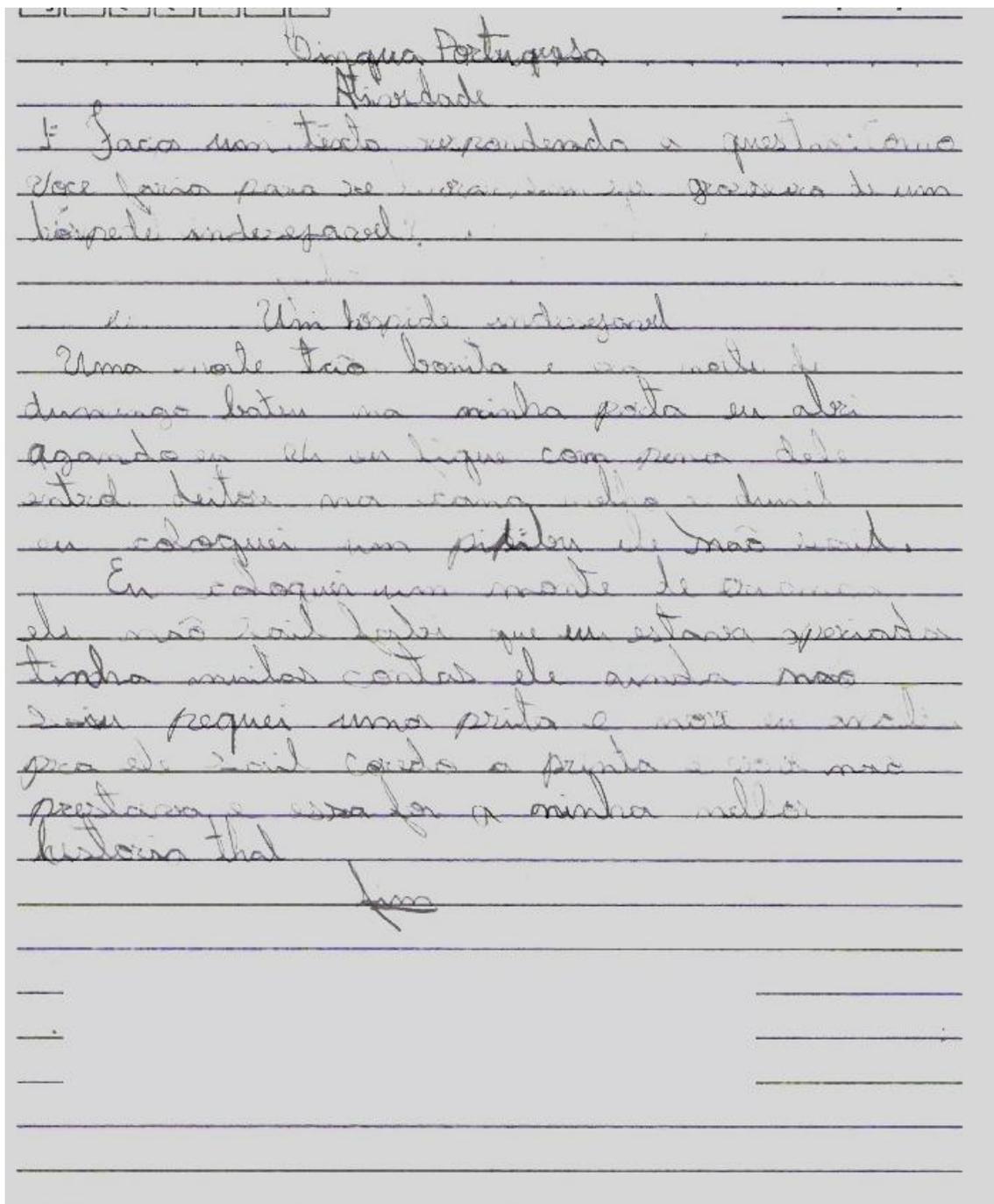


- 1.L... sua voz me faz cantar seus gestos mefazem
- 2.sonhar seu coração me faz ti ama nunca
- 3.tiesquecer eu ti amo meu amo sempre tiespero
- 4.Amor *Beibe Bai* eu tiamo amo do meu co-
- 5.ração

Nesta produção observamos uma criação lexical por meio de empréstimo de outro sistema lingüístico. No caso desta produção podemos notar uma criação na quarta linha em que foi criada a palavra *Beibe Bai* que são criações feitas a partir das palavras inglesas Baby Bye cuja escrita é feita por meio da interpretação fonética que o aluno faz, pois o aluno escreve as palavras da mesma forma que estas são pronunciadas supondo, assim, que escrita e pronúncia se assemelham. Tal uso se dá pela influência de músicas populares nacionais que utilizam muito esses termos em diversas letras, e também pode se ver reproduzida na fala do dia a dia em situações informais especialmente entre jovens.

A próxima produção também é uma ocorrência de neologismos por empréstimos. Neste texto foi pedido para o aluno dizer como ele faria para se livrar de um hóspede indesejado.

Texto 07:



Língua Portuguesa
Atividade

1ª Faça um texto respondendo a questão: como você faria para se livrar sem ser grosseiro de um hóspede indesejavel.

Hospide indesejavel

1. Uma noite tão bonita e ao noite de
- 2.dumingo bateu na minha porta eu abri
- 3.agando eu vi eu fique com pena dele
- 4.entrol deitou na cama melho e dumil
- 5.eu coloquei um *pitibu* ele não sail.
6. Eu coloquei um monte de crianças
- 7.ele não sail falei que eu estava aperiado
- 8.tinha muitas contas ele ainda não
- 9.saiu pequei umas printa e nox eu anoslei
- 10.Pra ele sail coredo a printa e sabe não
- 11.prestava e essa foi a minha melhor
- 12.historia thal
13. fim.

Neste texto também percebemos o uso de “neologismo por empréstimo” (ALVES 2007) em que o aluno usa a língua estrangeira para construir uma nova palavra. Para fazer tal construção o aluno também faz uma interpretação (por meio da pronúncia) das palavras inglesas *Pit Bull* recriando-as na forma *pitibul* (quinta linha), deste modo por compreender, ou por assemelhar a fala com a escrita os alunos escrevem o termo de outra língua de acordo com o sistema ortográfico da língua portuguesa e da estrutura das palavras em português, pois aqui ele faz uma única palavra.

3.3 DISCUSSÃO GERAL DAS OCORRÊNCIAS DE NEOLOGISMOS

Mostraremos no gráfico a seguir a quantificação das ocorrências neológicas encontradas nas produções dos alunos observados. Nele demonstraremos quais os tipos de neologismos mais encontrados na nossa pesquisa. Vale ressaltar que durante todo o tempo de desenvolvimento desta pesquisa encontramos apenas sete produções com criações lexicais, porém gostaríamos de enfatizar que esta quantidade de ocorrências não pode ser interpretada como um fenômeno pouco produtivo na língua, o que ocorreu

na verdade é que os momentos de produções de textos na sala de aula ainda não são prioridades para o ensino da língua.



Os processos morfológicos mais presentes são as criações por meio sufixal, como demonstra o gráfico, pois nesta fase o aluno já tem noção de que as palavras possuem uma base que de certa forma é presa e que o que faz a mudança destas palavras são os afixos nelas colocados, por isso temos casos em que o aluno por conhecer o significado dos sufixos os emprega em determinada base para caracterizar uma ação, ou até mesmo para trabalhar as noções de aumentativo e diminutivo.

Os processos neológicos formados por prefixação não apresentam muita produtividade nos textos dos alunos observados, representando apenas 14% das ocorrências o que equivale a uma das produções encontradas.

Nas produções analisadas, ainda, não houve nenhum caso de neologismo por parassíntese e nem por outros tipos de processos que não os analisados neste capítulo. Assim, acreditamos que os processos mais produtivos na língua são os neologismos formados por derivação sufixal e prefixal, por se utilizarem do acervo já existente na

língua, aproveitando-os para formar novos vocábulos com diferentes significados. Os neologismos parassintéticos, por sua vez, apesar de se utilizar dos mesmos recursos de formação dos prefixos e os sufixos (junção base + afixos), não apresentam muita produtividade na língua devido a sua situação de uso, pois para que seja formado um neologismo parassintético se faz necessária a junção simultânea de um prefixo e um sufixo a uma base.

Percebemos, ainda, neste trabalho uma criação que tem se tornado muito presente na realidade de muitos estudantes, que são os usos de formas e termos de outra língua, que neste caso é o inglês, por já terem um contato com a língua inglesa, através dos meios de comunicação, ou até mesmos devido ao fato da cultura americana fazer parte do nosso dia-a-dia, os alunos acabam por transformar tais palavras em outras de forma aportuguesada.

Por fim, podemos afirmar que apesar das poucas produções que conseguimos com as devidas ocorrências do fenômeno lingüístico que pretendíamos analisar este tem se tornado um processo bastante produtivo na língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos neste trabalho, a partir dos dados coletados e analisados, das discussões feitas acerca do ensino de língua materna, e da estrutura morfológica do português, apresentar o resultado desta pesquisa que visa esclarecer alguns equívocos diante de criações lexicais que acabam sendo tachados unicamente como “erros” e não como reflexão da língua por parte do falante.

Gostaríamos de lembrar, antes de tudo, que não conseguimos alcançar todos os nossos objetivos esperados⁹, pois em nossa pesquisa gostaríamos de verificar qual a intervenção didática do professor diante do fenômeno lingüístico aqui estudado, o que não foi possível por não termos conseguido produções, pedidas pelo professor, com correções e nem com ocorrências.

Deste modo, devido às circunstâncias, nossa análise centrou-se apenas no trabalho do aluno e não na visão do professor em relação ao trabalho deste aluno. No entanto, apesar de não termos conseguido tudo o que gostaríamos, não significa que nossos resultados não serviram para demonstrar, ou explicar, a nossa hipótese diante das criações.

A estrutura padrão da língua portuguesa é bem rígida com relação ao emprego de determinados afixos, porém é difícil para o aluno entender o porquê que determinadas palavras podem ser escritas de uma forma e outras não, ou seja, por não entender, ou por buscar a forma mais “correta” da escrita de certas palavras os alunos acabam em contraste com a gramática, o que para Halliday (apud Flôres 2004) “...caracterizam o léxico de uma língua em contraste com a sua gramática.”

Acreditamos, e pudemos comprovar que os neologismos aparecem, assim, por necessidades de se dizer algo que não se tenha uma palavra que corresponde exatamente ao que se quer dizer e que estes mesmos neologismos são reflexões do falante perante a língua que fala.

Desta forma, comungamos da mesma opinião de Basílio (1987; p.5) quando diz em seu trabalho que:

⁹ Para maior esclarecimento vide o Plano de Atividade que seguirá em anexo.

(...) não nos damos conta de que muitas vezes estas unidades com que formamos enunciados não estavam disponíveis para o uso e foram formadas por nós mesmos, exatamente na hora em que a necessidade apareceu.

Criamos, pois, para suprir uma necessidade, por não acharmos na hora exata a palavra que se encaixa perfeitamente ao que queremos dizer. Criamos, também, por associação e isso ocorre porque partimos dos nossos conhecimentos léxicos, supondo que a escrita das palavras se assemelha.

Percebemos nas produções dos alunos que estes têm um conhecimento profundo da língua que falam, pois eles sabem o significado de todos afixos e também dos neologismos que emprestaram de outra língua. Ao contrário do julgamento de muitos professores seus alunos não vieram sem conhecimentos nenhum para o colégio, pelo contrário ele (aluno) veio com muito conhecimento, porém este conhecimento não é privilegiado e por assim ser não é explorado pela escola. Percebe-se, ainda, que a escola, busca um caminho que não possui significância para o aluno, pois não parte do conhecimento que este indivíduo já possui.

Contudo, pretendíamos, através deste, demonstrar que todas as produções de nossos alunos merecem ser vistas com um novo olhar, que não parta da concepção do “erro”, mas do inadequado para dadas situações, que veja o que se quer dizer e não apenas o que está dito, pois o papel do educador e o da escola é o de conduzir o aluno ao caminho do “acerto”.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Ieda. **Neologismos**: criação lexical. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2007.
- ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontros & interações. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **A norma culta**: Língua & Poder na sociedade brasileira. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BASILIO, Margarida. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 1987.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Aula de português: discurso e saberes escolares. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CAMARA JR, J. Matoso. Dicionário de lingüística e gramática: referente a língua portuguesa. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- FIORIN, José Luis. **Introdução à lingüística**. São Paulo: Contexto, 2005.
- FLÔRES, Onice. **O peso das palavras**: estudos morfológicos funcionalistas- Canoas: Ed. ULBRA, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a libertação e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino**: exercício de militância e divulgação. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leituras do Brasil, 1996.
- ILARI, Rodolfo. “O Português do Brasil”. In **Lingüística Românica**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2004.
- ILARI, Rodolfo. A lingüística e o ensino da língua portuguesa. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KATO, Mary A. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolingüística. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 1993.
- LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário**. Rio de Janeiro: Ática, 2000.

- MELO Gladstone Chaves. **A língua do Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.
- MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Ana Cristina (orgs). Introdução a lingüística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.
- ROCHA, Luis C. de Assis. **Estruturas morfológicas do Português**. Belo Horizonte-MG: UJMA, 1988.
- RODRIGUES, Neidson. “A escola necessária para os tempos modernos”. In **Da mistificação da escola à escola necessária**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- ROSA, Maria Carlota. Introdução à morfologia. São Paulo: Cortez, 2000.
- SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e. & KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Lingüística aplicada ao português: morfologia. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler. 4ª Ed. Porto Alegre: ARTMED, 2003.
- SOARES, Magda. **Português**: uma proposta para o letramento. São Paulo: Moderna, 2003.
- TARDELLI, Marlete Carboni. O ensino de língua materna: interações em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2002.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ANEXOS

Plano de Atividade



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PROGRAMA INTEGRADO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO-
PROINT
NUCLEO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM ARAGUAIA- TOCANTINS-
NUCLEART

PLANO DE ATIVIDADES

Titulo do projeto: Interferência do oral no texto escrito em ambiente escolar.

Coordenadora: Professora M. Sc Eliane Pereira Machado Soares

Titulo da pesquisa: Criação lexical (neologismo) em textos escritos.

Bolsista: Quélvia Souza Tavares

INTRODUÇÃO

Seguindo as propostas do subprojeto: *Interferências do oral no texto escrito em ambiente escolar* - elaborado e coordenado pela professora Eliane P. Machado Soares - que tem como objetivo estudar as intervenções didáticas dos professores nos problemas manifestados em textos escritos nos níveis ortográfico, gramatical e textual, em consequência das interferências da oralidade, considerando as diferenças entre as duas modalidades de língua (escrita e falada), é que apresento este plano de atividades de pesquisa ligado ao subprojeto acima mencionado, com o objetivo de estudar a ocorrência de termos que não institucionalizados nos textos escritos dos alunos, ou melhor, estudar as criações lexicais feitas pelos alunos por compreenderem que a linguagem escrita tenha que ser mais elaborada que a língua falada.

OBJETIVOS:

GERAL

- Analisar os problemas relacionados à aquisição da linguagem padrão devido às interferências da oralidade na escrita.

ESPECÍFICAS

- Verificar como se dá a intervenção do professor na produção oral/escrita no que tange aos usos não padrão da língua.
- Verificar o surgimento de construções estranhas no nível morfológico nos textos escritos do aluno.
- Propor sugestões didáticas para tratar de problemas relacionados a escrita .

JUSTIFICATIVA

A linguagem (escritas e faladas) pode ser considerada como algo complexo no âmbito da análise, pois apesar delas fazerem uso dos mesmos vocábulos e das mesmas formas gramaticais, ambas possui diferentes “modos de uso” destes vocábulos.

Por fazeres usos dos vocábulos e, até, da gramática de forma diferente é que tanto a língua falada quanto a língua escrita tem suas especificidades, suas particularidades. Assim, segundo Smith (1991, p.53):

...não devem ser consideradas algo surpreendente ou anômalo o fato de existirem diferenças entre a linguagem falada e a escrita, elas são geralmente utilizadas para diferentes finalidades e dirigidas a distintas audiências...

Como se pode perceber através das palavras de Smith as linguagens se diferenciam porque as suas finalidades, às vezes, são diferentes, o que não significa que elas não dependem uma da outra, ou que uma é “melhor” que a outra.

Muitas escolas privilegiam o trabalho da linguagem escrita e talvez façam este tipo de ação por acharem que esta seja melhor que a outra. Desta forma, a linguagem oral é pouco trabalhada, mesmo sabendo que de certa forma, uma depende da outra. Alguns estudiosos acreditam que uma é a representação da outra.

Vale ressaltar que se a escola opta por privilegiar uma ou outra forma de linguagem o aluno sai com deficiência em seu processo de aprendizagem.

O que se deve fazer é auxiliar o aluno no uso de sua linguagem, pois se não trabalhar o aluno apresenta problemas que farão surgir frases incompletas, construções estranhas (inclusive no nível morfológico) entre outros problemas.

No entanto, quando o aluno apresenta um problema não é só a linguagem oral que “sofrerá danos”, mas a linguagem escrita também, pois se sabe que uma interfere na outra.

Deste modo este trabalho visa identificar a ocorrência de problemas no nível gramatical (morfo sintático) que os alunos apresentam no texto escrito, que são decorrentes da sua compreensão de que a língua escrita e a língua falada se diferenciam por fazerem partes de situações diferentes, para a partir disto buscar estratégias que podem ajudá-los a lidar com estas diferenças.

METODOLOGIA

Ao ingressar em uma escola o aluno já sabe falar, no entanto, não sabe transcrever a sua fala. Assim, a escola tem o papel de auxiliar o aluno a “transformar” o que ela fala em escrita.

No entanto, a maioria das escolas ao fazer este tipo de “transformação” faz com que os alunos se sintam mal, pois pensam que não sabem de nada, e isto se dá porque as escolas privilegiam a norma culta da língua.

Sendo assim, como fala e escrita se distinguem por fazer parte de situações diferentes, e por a escola primar por um padrão de linguagem que nem sempre se adequa às necessidades do falante, é que se observará as aulas da 4ª série do ensino fundamental para verificar: participação, interação entre aluno/ professor; se o professor interfere no ato da fala do aluno e como é feita esta interferência; e quais os critérios de correção de textos dos alunos.

Contudo como a intenção deste projeto é buscar, ou tentar buscar uma melhora para o aluno e um auxílio didático para o professor, é que se fará a pesquisa direta no ambiente escolar para que, assim, se possa investigar, descrever e analisar as ocorrências de construções morfológicas que não são institucionalizadas. E após o processo de pesquisa, tentar-se-á ajudar tanto os alunos, quanto os professores a lidar com as diferenças entre a língua escrita e a língua

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

	Ma i. 200 8	Ju n. 2 0 0 8	Ju lh .2 0 0 8	A go s. 20 08	S et e. 2 0 0 8	O ut .2 0 0 8	N o v. 2 0 0 8	D ez .2 0 0 8	Ja n. 2 0 0 9	Fev rei ro d e 200 9	M ar c. 20 08 9	A br .2 0 0 9	M ai 2 0 0 9	Ju n. 2 0 0 9	Ju lh .2 0 0 9	Ago s.20 09	Set. 200 9	Out. 200 9	Nov .200 9	Dez .200 9
Conheci mento da propost a do projeto	X																			
Leituras sobre a propost a geral do projeto	X	X																		
Delimit ação do tema		X																		
Levanta mento bibliogr áfico(após a delimita ção do tema)		X	X	X	X	X	X													
Pesquis a na sala de aula		X		X	X	X	X	X												
Sistema tização e leitura dos dados									X	X	X									
Encontr os com orientad or para encamin har a pesquis a	X	X		X	X	X	X	X		X	X	X	X	X		X	X	X	X	X
Elabora ção de relatório s de pesquis a				X				X			X			X			X			X
Produçã o de artigo e																	X	X	X	X

PROPOSTAS PEDAGÓGICA PARA SEREM TRABALHADAS NA ESCOLA JHONATAS PONTES ATHIAS

SEGUNDA-FEIRA DIA 23 DE MARÇO De 2009

OBJETIVO:

- Levar os alunos a perceberem que a poesia emociona, diverte, convence e principalmente nos faz pensar sobre o mundo, isso através de diferentes recursos, como rimas, repetições, metáforas e até mesmo na sua disposição no papel.
- Valorizar o texto literário como meio de desenvolver no aluno a criatividade e a imaginação.
- Permitir ao aluno o contato com o texto literário, estimulando o hábito de leitura dessa modalidade de texto em diversas situações.

ATIVIDADES:

1º MOMENTO - Introduzir para os alunos o gênero poema, por meio de uma leitura prévia da poema “Tem tudo a ver” de Carlos Drummond de Andrade. Após a leitura conversar com os alunos sobre o entendimento do poema, fazendo alguns questionamentos acerca da poema, para pensarem sobre o texto

Depois do entendimento do poema, fazer uma explicação para turma sobre o que é poema, ressaltando sua estrutura que é diferente de outros textos, começar por meio de exemplos expostos na sala em forma de cartaz, os aspectos importantes que existem no poema como: estrutura (posição na página, tipo de aproveitamento da página, musicalidade com as rimas, metáforas, repetições etc.

2ª MOMENTO- Dividir a turma em pequenos grupos, distribuir entre eles, outros poemas com diferentes temáticas, para leitura e entendimento do poema e depois em círculo fazerem comentários do que chamou atenção, o que achou importante no texto.

Momento de produção: os alunos irão criar seu próprio poema, para depois fazerem a leitura e observarem junto com a turma se o texto escrito contém rima, repetição e sobre o que trata.

METODOLOGIA:

Passo 1: Organizar a turma em forma de meia lua.

Passo 2: Fazer a leitura compartilhada e conversa com os alunos.

Passo 3: Dividir a turma em pequenos grupos para leitura e discussão dos poemas.

PASSO 4: PRODUÇÃO TEXTUAL**TERÇA FEIRA****OBJETIVOS**

- Trabalhar o texto base como suporte para produção de um texto de opinião
- Explicitar a rima dentro do poema.
- Relacionar a letra da música com o cotidiano do aluno.
- Resgatar as experiências dos alunos através música.
- Verificar a assimilação do conteúdo trabalhado (rima)

ATIVIDADES:

1. Será feita uma leitura compartilhada do texto “O sonâmbulo”;
2. A partir da leitura, será solicitada uma produção textual com base nas imagens demonstradas.
3. Após a leitura de textos produzidos, será apresentada a música de Adriana Calcanhoto “Fico assim sem você”.
4. Será feita a leitura da letra da música com estudo da estrutura atendo-se à rima.
5. Será aberto um debate sobre a temática da música.
6. Esclarecer as relações entre leitura e cotidiano.
7. Realização da **Dinâmica da rima**.

METODOLOGIA

1º Passo: Arrumar a turma em forma de meia lua.

2º Passo: Fazer a leitura compartilhada.

3º Passo: Propor uma carta ao leitor, onde deverá escrever uma carta relatando o problema vivido no texto “o sonâmbulo” e pedir soluções.

4º Passo: Apresentar a música “Fico assim sem você”.

5º Passo: Formar duplas para a análise da música.

6º Passo: Fazer as socializações da análise do texto.

7º Passo: Dividir os alunos em colunas para a realização da dinâmica

QUARTA –FEIRA E QUINTA –FEIRA

OBJETIVOS:

- Identificar a linguagem simples, mas não por isso não-literária de uma crônica, o que a torna um gênero capaz de ser compreendido por alunos de nível fundamental.
- Trabalhar literatura junto da aula de língua Portuguesa, visto que este é um caminho para sanar problemas relacionados à aquisição da escrita padrão.
- Mostrar que nem todas as formas de literatura se encontram registradas em linguagem formal, ou com uma estrutura léxica complexa.
 - Mostrar que um texto é passível de várias interpretações.
 - Discutir e interpretar uma crônica explorando tanto aspectos lingüísticos quanto literários.
- Fazer uma relação da literatura com uma linguagem informal e formal.
- Levar os alunos a refletirem sobre o tema da crônica trabalhada, de modo que esta reflexão contribua para a produção textual dos mesmos.
- Levar os alunos a debaterem sobre temas polêmicos.

ATIVIDADE:**QUARTA – FEIRA**

1ª:- Será feita uma leitura compartilhada de textos diversos.

2ª:- Após a leitura será feito um trabalho em grupo, em que será entregue algumas imagens para que os alunos escrevam o que acontece na mesma. Ao término desta atividade escrita será pedido para os alunos fazerem uma explanação sobre suas impressões em relação as imagens.

Passada esta fase colocaremos o título da crônica a ser trabalhada neste dia e faremos um debate sobre o título da obra e a impressão já feita pelos alunos. Após esta discussão será lido o texto de forma compartilhada junto com os alunos e faremos uma explanação sobre alguns aspectos lingüísticos da obra, tais como a sua estruturação e questões relacionadas à variação lingüística representada no texto.

Para concluir será pedido para os alunos produzirem um texto com uma temática relacionada ao preconceito tanto lingüístico quanto outros tipos de preconceitos. Depois da produção chamaremos dois ou três alunos (voluntariamente) para lerem suas produções.

METODOLOGIA:

Passo 1: dividir a turma em seis grupos e entregar para cada um uma cartolina, um pincel e uma figura para que eles discutam sobre ela.

Passo 2: chamar um representante de cada grupo para falar sobre suas impressões.

Passo 3: colocaremos o título da obra de forma bem visível (em cartaz) no quadro e faremos uma conversa para verificarmos o que eles dirão sobre o título.

Passo 4: colocaremos o texto em transparência e faremos uma leitura junto com os alunos de forma a puxarmos uma interpretação dos mesmos, discutiremos os aspectos lingüísticos e estrutural proposto.

Passo 5: será pedido uma produção individual para cada aluno, após a produção pediremos para os alunos que se sentir a vontade para fazer a leitura de suas produções.

ATIVIDADE:**QUINTA – FEIRA**

1ª: Será feita uma leitura compartilhada de textos diversos.

2ª: Após a leitura do texto a turma será dividida em grupos, em que cada grupo receberá uma cartolina com diversas imagens para falar sobre as imagens que eles estão vendo, ou melhor, julga.

Após este trabalho pediremos para eles responderem a pergunta: quem é o “malandro”? Após ouvir as respostas discutiremos sobre as aparências e como nos enganamos com ela.

Após esta discussão será lido o texto de forma compartilhada junto com os alunos e faremos uma explanação sobre alguns aspectos lingüísticos da obra. Passada esta fase pediremos para os alunos reescreverem o texto lido só que colocando detalhes que os caracterizem, como uma opinião.

Depois da produção chamaremos dois ou três alunos (voluntariamente) para lerem suas produções.

Por fim, se tivermos oportunidade, pediremos para os alunos contarem uma história em forma de linguagem não-verbal, já que os mesmos tiveram uma base na aula anterior.

METODOLOGIA:

Passo 1: dividir a turma em seis grupos e entregar para cada um uma cartolina, um pincel e uma figura para que eles discutam sobre ela.

Passo 2: chamar um representante de cada grupo para falar sobre suas impressões.

Passo 3: colocaremos o texto em transparência e faremos uma leitura junto com os alunos de forma a puxarmos uma interpretação dos mesmos, discutiremos os aspectos lingüísticos e estrutural proposto.

Passo 4: será pedido uma produção individual de reescrita para cada aluno, após a produção pediremos para os alunos que se sentir a vontade para fazer a leitura de suas produções.

Passo 5: dividiremos a turma em dupla e pediremos para cada dupla contar uma história sobre preconceito apenas utilizando imagens/desenhos.

ATIVIDADE:

SEXTA – FEIRA

1ª neste dia não começaremos com a leitura compartilhada, mas com a mesma atividade de grupos, em que os alunos produziram murais para colocarmos os trabalhos produzidos durante a semana em exposição.

2ª será passado um filme para descontração dos alunos, e após o filme faremos uma discussão sobre o mesmo.

METODOLOGIA:

Passo 1: dividir a turma em seis grupos e entregar para cada um uma isopor, um pincel, e uma folha de papel camurça.

Passo 2: colocar todas as produções em exposição.

Passo 3: após o termino da atividade anterior afastaremos todas as mesas para o fundo da sala, colocaremos as cadeiras enfileiradas e assistiremos ao filme.

RECURSOS:

Para a realização desta oficina serão necessários os seguintes recursos:

- Cartolinas
- Pincéis
- Papel camurça
- Transparências
- Folha de isopor
- Retroprojeter
- Televisão
- DVD
- Xerox
- Revistas
- Tachinhas

AVALIAÇÃO:

Em todas as atividades desenvolvidas pelos alunos consideraremos não apenas o produto final, mas todo o processo, pois vemos este trabalho como um complemento a aquisição de valores e ate mesmo de conteúdos que os alunos levaram por toda a sua vida.

TEXTOS UTILIZADOS NA REALIZAÇÃO DA OFICINA

Aconteceu alguma coisa

Carlos Drummond de Andrade

Dois guardas à porta, barrando a passagem. O bolo de gente na calçada, espichando pescoço para assuntar.

— Vai ver que mataram alguém no edifício.

— Com certeza assaltaram o banco, e...

5 — Que banco? Não está vendo que não tem banco nenhum aí?

— Já sei. Pegaram lá em cima um grupo de subversivos*, e eles estão encurralados, não querem se render. Não saio daqui enquanto os caras não aparecerem.

Cresce a confusão. Tão rápido, que até parece organizada. Todo mundo colabora para que seja
10 total. E fala, fala.

— Olha aquela velha desmaiando!

— Velha coisa nenhuma, é uma lourinha muito da bacana.

— E não está desmaiando, está é brigando de unha
15 e dente, alguém apalpou ela ou afanou a bolsa.

— Te garanto que houve morte. Um padre abriu caminho e entrou lá dentro, apesar dos guardas. Padre mesmo, desses de batina, sacumé?

— Se o cara já morreu, não adianta ele entrar, ora
20 essa. Salvo se ainda está agonizando. E quem garante a você que por estar de batina esse que entrou lá não é padre de araque? Tem muita falsificação pelaí.

— Não estou vendo fumaça. Incêndio não é.

— Pode ser nos fundos. Espera até a fumaça
25 aparecer. O último incêndio que eu assisti, na Tijuca, levou horas pra convencer.

— Quem sabe foi uma manicure que se atirou no pátio? Já vi um caso assim.

— Por essas e outras é que só moro em casa, e casa
30 térrea, sem escada, pra não dar grilo. Eu, hein?

— É, mas tem muito inconveniente. Nas casas baixas a poluição é servida a domicílio.

— Repara aqueles dois entrando na raça.

— E na raça foram rechaçados, tá vendo?

35 — Pronto, interditaram o edifício.

— Pior. Estão esvaziando o edifício.





— Corta essa. Todo mundo tem direito de entrar e direito de sair. E os que trabalham lá em cima, por que irão deixar de trabalhar? Os que precisam subir para ir ao dentista, ao médico, sei lá, com que direito são impedidos? Tá errado. Qual, isso é um país sem...

40 — Calma, Secundino. Acho bom você moderar suas expansões.

— É, mas o Senador Farah Diba entrou com passe livre, espia só.

— Não tem senador com esse nome, siô.

— Tem um parecido, mas é deputado.

— Deputado ou não, com esse ou com outro nome, mas entrou. Eu vi.

45 — Então não há tragédia, ele não é de ir aonde pega fogo.

— Cerraram as portas de aço!

— Isso tá me cheirando a elevador despencado. Não tem dia que não caia um em Copacabana. E essa ambulância que não vem? Devia ter sempre uma ambulância de plantão na porta de cada edifício.

50 — O diabo são os palestinos. Imagina se o carteiro deixou na portaria uma daquelas cartas com bomba...

— Já não se tem onde morar sossegado. Até entrar pelo cano é perigoso. Lá dentro tem assaltante à espera.

55 — E na rua, então? Que é que nós estamos fazendo aqui, ameaçados de todos os lados, prestando atenção num negócio que não é da nossa conta, me diga o senhor?

— Sei lá. Mas agora está saindo um caixotão, não atino o que seja. Quem sabe se não é um novo crime da mala!

— Nem me fale nisso. Só de pensar, fico toda arrepiada; passe a mão no meu braço, veja como estou. Cortar um pobre de Cristo feito mortadela, depositar a mala e despachar de avião.

60 — Era de trem que as malas com cadáveres se despachavam, sua ignorante.

— Isso foi no seu tempo, vovozinho. Hoje, quem é que passa pra trás o avião pra dar preferência a trem de ferro?

— Pois então vamos chegar perto e espiar o caixão do defunto.

— Não é caixão, gente, é geladeira!

65 — O quê? O defunto estava dentro da geladeira?!

— Ah, meu chapa, tu não morou que isso é uma liquidação de eletrodoméstico?

Ousadia

Fernando Sabino

A moça ia no ônibus muito contente desta vida, mas ao saltar, a contrariedade se anunciou:

— A sua passagem já está paga— disse o motorista.

—Paga por quem?

— Esse cavalheiro aí.

E apontou um mulato bem vestido que acabara de deixar o ônibus, e aguardava com um sorriso junto à calçada.

— É algum engano, não conheço esse homem. Faça o favor de receber.

— Mas já está paga...

— Faça o favor de receber! — insistiu ela, estendendo o dinheiro e falando bem alto para que o homem ouvisse: — Já disse que não conheço! Sujeito atrevido, ainda fica ali me esperando, o senhor não está vendo? Vamos, faça questão que o senhor receba a minha passagem.

O motorista ergueu o ombro e acabou recebendo: melhor para ele, ganhava duas vezes.

A moça saltou do ônibus e passou fuzilando de indignação pelo homem.

Foi seguindo pela rua, sem olhar para ele.

Se olhasse, veria que ele a seguia, meio ressabiado, a alguns passos.

Somente quando dobrou à direita para entrar no edifício onde morava, arriscou uma espiada: lá vinha ele! Correu para o apartamento, que era no térreo, pôs-se a bater, aflita:

— Abre! Abre aí!

A empregada veio abrir e ela irrompeu pela sala, contando aos pais atônitos, em termos confusos, a sua aventura: - Descarado, como é que tem coragem? Me seguiu até aqui!

De súbito, ao voltar-se, viu pela porta aberta que o homem ainda estava lá fora, no saguão. Protegida pela presença dos pais, ousou enfrentá-lo:

- Olha ele ali! É ele, venham ver! Ainda está ali, o sem-vergonha. Mas que ousadia!

Todos se precipitaram para a porta. A empregada levou as mãos à cabeça:

- Mas a senhora, como é que pode! É o Marcelo.

- Marcelo? Que Marcelo? - a moça se voltou, surpreendida.

- Marcelo, o meu noivo. A senhora conhece ele, foi quem pintou o apartamento.

A moça só faltou morrer de vergonha:

- É mesmo, é o Marcelo! Como é que eu não reconheci! Você me desculpe, Marcelo, por favor.

No saguão, Marcelo torcia as mãos, encabulado:

- A senhora é que me desculpe, foi muita ousadia ...